

FUCAPE PESQUISA E ENSINO S/A – FUCAPE BSB

ANGLA DE QUEIROZ BESSA LEAL

**DÍVIDA, COMPORTAMENTO FINANCEIRO E SAÚDE MENTAL: um estudo
comparativo entre inadimplentes e adimplentes no Brasil**

**BRASÍLIA
2025**

ANGLA DE QUEIROZ BESSA LEAL

**DÍVIDA, COMPORTAMENTO FINANCEIRO E SAÚDE MENTAL: um estudo
comparativo entre inadimplentes e adimplentes no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis e Administração da Fucape Pesquisa e Ensino S/A, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis e Administração – Nível Profissionalizante.

Orientador: Profa. Dra. Marcia Juliana d'Angelo

**BRASÍLIA
2025**

ANGLA DE QUEIROZ BESSA LEAL

**DÍVIDA, COMPORTAMENTO FINANCEIRO E SAÚDE MENTAL: um estudo
comparativo entre inadimplentes e adimplentes no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis e Administração da Fucape Pesquisa e Ensino S/A, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Contábeis e Administração.

Aprovada em 23 outubro de 2025

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Marcia Juliana d'Angelo
Fucape Pesquisa e Ensino S/A

Profº Dr.: Roberto Miranda Pimentel Fully
Fucape Pesquisa e Ensino S/A

Prof. Dr.: Diego Rodrigues Boente
Fucape Pesquisa e Ensino S/A

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, por me conceder força, saúde e sabedoria para trilhar esse caminho até aqui.

À minha família, pelo incentivo constante, pelo apoio incondicional e por não permitir que eu desistisse deste sonho.

Aos colegas e professores do curso de Mestrado da Fucape Pesquisa e Ensino S/A, pelo convívio enriquecedor, pelo apoio mútuo e pelas valiosas trocas de conhecimento, muitas vezes expressas em discussões intensas e construtivas.

À minha orientadora, professora Márcia, pela dedicação, orientação e suporte ao longo de toda essa jornada. Agradeço especialmente por ter aceitado de imediato o convite para me orientar, demonstrando confiança e compromisso com meu trabalho.

Ao professor Dr. Diego Boente, pela excelente atuação como coordenador do curso, sempre solícito e comprometido em nos conduzir às melhores decisões, tratando nossas demandas com eficiência e agilidade.

Aos professores doutores Fully, Cleyton Izidoro, Juliano, Nelson, Márcia, Edvan e Diego, minha sincera gratidão pela significativa contribuição acadêmica. Suas disciplinas foram verdadeiros marcos em meu processo de aprendizado, ampliando de forma notável minha formação intelectual e profissional.

“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir e chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar.

(Cora Coralina)

RESUMO

O objetivo deste estudo foi comparar os impactos das atitudes frente à dívida, do uso do cartão de crédito, do acesso ao capital financeiro, da educação e da reserva financeira sobre a saúde mental (sentimentos positivos e negativos, suporte social e sintomas físicos) de inadimplentes e de adimplentes no Brasil. A pesquisa utilizou um survey com aplicação de um questionário estruturado, com uma amostra de 316 respondentes e análise estatística por regressão linear. Os testes de hipóteses revelaram que as atitudes pró ou contra a dívida não tiveram efeitos significativos sobre os sentimentos positivos. Já o uso do cartão de crédito mostrou associação consistente com piores desfechos emocionais, incluindo menor percepção de suporte social, redução dos sentimentos positivos e aumento dos sentimentos negativos entre inadimplentes. A educação financeira apresentou efeito marginal sobre sentimentos positivos, mas também esteve associada a uma menor percepção de suporte social. Atitudes contrárias ao endividamento mostraram-se protetoras, associadas a níveis mais baixos de sentimentos negativos. Como contribuição, o estudo avança nas teorias de comportamento financeiro ao integrar variáveis econômicas e psicológicas, evidenciando que o endividamento também atua como estressor crônico. Além disso, oferece subsídios práticos para políticas públicas e programas de educação financeira voltados à prevenção do endividamento e à promoção do bem-estar.

Palavras-chave: Endividamento; Inadimplência; Cartão de crédito; Educação financeira; Saúde mental.

ABSTRACT

The objective of this study was to compare the impacts of attitudes toward debt, credit card use, access to financial capital, education, and financial reserves on the mental health (positive and negative feelings, social support, and physical symptoms) of defaulters and those in good standing in Brazil. The research used a structured questionnaire administered to a sample of 316 respondents and linear regression for statistical analysis. Hypothesis testing revealed that pro-debt or anti-debt attitudes had no significant effects on positive feelings. Credit card use, however, showed a consistent association with worse emotional outcomes, including lower perceptions of social support, reduced positive feelings, and increased negative feelings among individuals who defaulted. Financial education had a marginal effect on positive feelings but was also linked to lower perceptions of social support. Attitudes against debt proved protective, associated with lower levels of negative feelings. As a contribution, the study advances theories of financial behavior by integrating economic and psychological variables and demonstrates that debt also acts as a chronic stressor. It also provides practical support for public policies and financial education programs aimed at preventing debt and promoting well-being.

Keywords: Debt; Default; Credit card; Financial education; Mental health.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 SAÚDE MENTAL E DÍVIDAS.....	13
2.2 ATITUDES EM RELAÇÃO À DÍVIDA.....	15
2.3 ATITUDES EM RELAÇÃO AO USO DO CARTÃO DE CRÉDITO	17
2.4 ACESSO AO CAPITAL FINANCEIRO (CRÉDITO).....	20
2.5 EDUCAÇÃO FINANCEIRA	22
2.6 RESERVA FINANCEIRA	25
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	28
3.1. PARTICIPANTES.....	28
3.2. MEDIDAS E OPERACIONALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS	31
3.3. PREPARAÇÃO DOS DADOS	36
3.3.1 Análise estatística descritiva.....	37
3.4 COMPARAÇÃO DE MÉDIAS ENTRE ADIMPLENTES E INADIMPLENTES.....	38
3.4.1 Procedimento Estatístico.....	38
3.4.2. Variáveis e Construção dos Escores Globais.....	39
3.5 MODELO PROPOSTO	40
3.6 TESTES DOS PRESSUPOSTOS DA REGRESSÃO LINEAR	40
4 ANÁLISE DE DADOS.....	42
4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA.....	42
4.2 TESTE DE HIPÓTESES	43
4.2.1 Análise dos efeitos sobre sentimentos positivos.....	43
4.2.2 Análise dos efeitos sobre sentimentos negativos.....	46
4.2.3 Análise dos efeitos sobre suporte social	49
4.2.4 Análise dos efeitos sobre sintomas físicos	52
5 DISCUSSÃO	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS.....	61

Capítulo 1

1 INTRODUÇÃO

O aumento da inadimplência no Brasil representa um desafio econômico e social, com impactos significativos sobre a saúde mental e financeira da população (Araújo et al., 2022; Serasa, 2024a; 2022; Serviço de Proteção ao Crédito [SPC], 2025), bem como no desempenho profissional (Carvalho & Rigamonte, 2025) e maior exposição ao risco (Tiryaki et al., 2017)

Em julho de 2025, o país registrou cerca de 78 milhões de inadimplentes (48% da população brasileira), totalizando R\$ 482 bilhões em dívidas. O débito médio por pessoa foi de R\$ 6.177,74, e o valor médio por dívida, de R\$ 1.570,17. Os principais credores incluem bancos e administradoras de cartões de crédito (27%), contas básicas, como água e luz (21%), financeiras (19%) e prestadores de serviços em geral (12%). Indivíduos de 18 a 65 anos concentram 81% da população inadimplente. Os três estados com maior número de inadimplentes são Amapá (64%), Distrito Federal (61%) e Rio de Janeiro (57%). O gênero com maior grau de endividamento é o feminino, que corresponde a 50,30% da população (Serasa, 2025a).

Soma-se a esse cenário um levantamento recente da Klavi, uma empresa de inteligência de dados bancários, que revelou um fenômeno preocupante: parte significativa dos empréstimos contratados por clientes bancários no Brasil tem sido destinada a apostas esportivas *online*. A análise, conduzida com base em dados de cinco mil correntistas obtidos via *Open Finance*, mostrou que cerca de 30% dos indivíduos recorreram ao crédito e, em seguida, destinaram integralmente ou parcialmente os recursos a sites de apostas e de jogos de azar. O estudo indica que

tais gastos não decorrem de excedentes de renda, mas de endividamento deliberado, sugerindo que a expansão do mercado de apostas digitais pode intensificar os riscos de endividamento da população brasileira (Gonçalves, 2024; Klavi News, 2024).

Dados da Serasa (2024b) mostram que 57% dos inadimplentes não estavam endividados antes de adotarem esse novo comportamento e que 44% das apostas *online* foram feitas para tentar quitar dívidas. O salário é a principal fonte dessas apostas.

A inadimplência refere-se à incapacidade de honrar compromissos financeiros dentro dos prazos estipulados, enquanto o endividamento, por sua vez, refere-se à existência de obrigações financeiras que, embora pendentes, ainda estão sob controle (Serasa, 2024a). Essa situação “acontece quando uma pessoa ou empresa deixa de cumprir suas obrigações financeiras nos prazos acordados com o credor” (SPC, 2025). Já a adimplência é “a situação de quem cumpre seus compromissos financeiros dentro do prazo”. Uma pessoa adimplente é aquela que paga suas contas – como faturas, boletos, empréstimos, financiamentos e parcelamentos – sem atrasos (Serasa, 2025b).

A progressão do endividamento à inadimplência compromete a saúde mental, definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2025) como um estado de equilíbrio emocional e funcional que permite lidar com os desafios da vida, realizar atividades produtivas e contribuir para a comunidade. Diz respeito ao equilíbrio emocional e cognitivo de uma pessoa, influenciando sua capacidade de enfrentar desafios, de cultivar relações saudáveis e de tomar decisões de forma consciente. Engloba o bem-estar psicológico, a capacidade de regular emoções e a resiliência

para lidar com o estresse cotidiano, favorecendo uma vida plena e produtiva (Keyes, 2002; OMS, 2022).

O rompimento desse equilíbrio tem sido associado ao adiamento de cuidados médicos, à depressão e à ansiedade (Sweet, 2020) e ao aumento dos níveis de sofrimento psicológico (Fitch et al., 2011; Hämmig, 2024; Hämmig & Herzig, 2022). Em casos extremos, ideação e tentativas de suicídio (Levinsson et al., 2023; Frasquilho et al., 2015). Tal quadro tem efeitos mais intensos em países de baixa renda (Guan et al., 2022).

Diversos fatores contribuem para a deterioração da saúde mental. Dentre eles, destacam-se as atitudes em relação à dívida (Białowolski et al., 2020; Harrison et al., 2015) e em relação ao uso do cartão de crédito (Soll et al., 2013); o nível de letramento financeiro (Abdullah et al., 2019); baixa educação financeira (Abdullah et al., 2019; Mutlu & Özer, 2021;); e a ausência de uma reserva financeira mínima para situações emergenciais (Danahy et al., 2024; Despard et al., 2020; Oliveira et al., 2024). Ademais, o consumo impulsivo, aliado à escassez de planejamento financeiro, torna os indivíduos mais vulneráveis a ciclos de endividamento crônico (Reis et al., 2021; Ramos et al., 2021).

A flexibilização excessiva da política monetária, aliada à concessão de crédito sem critérios de avaliação rigorosos, fomentou um endividamento artificial, o que culminou no aumento da inadimplência e no enfraquecimento da estabilidade financeira de indivíduos e famílias. Esse cenário evidenciou limitações relevantes na capacidade de gestão financeira da população, ampliando tanto a exposição a vulnerabilidades sociais quanto os riscos econômicos decorrentes do colapso do setor imobiliário e da fragilidade do sistema financeiro (Chen, 2024).

Diante desse panorama, este estudo tem o seguinte problema de pesquisa: De que forma as atitudes financeiras e o acesso ao crédito impactam a saúde mental de inadimplentes e de adimplentes no Brasil? O objetivo é comparar os impactos das atitudes em relação à dívida e ao uso do cartão de crédito, bem como de comportamentos como o acesso ao capital financeiro, a educação e a reserva financeira, sobre a saúde mental entre inadimplentes e adimplentes.

Na literatura nacional, em particular, há diversos estudos que abordam a educação financeira no nível individual (p. ex., Birochi & Pozzebon, 2016; Couto et al., 2023; Ribeiro, 2020; Silva et al., 2017; Silveira et al., 2024; Silveira et al., 2022) e o comportamento diante da inadimplência (p. ex., Lima et al., 2021). Outros têm abordado o bem-estar financeiro (p. ex., Araújo et al., 2022; Pabis & Silva, 2024; Ponchio et al., 2022; Vieira et al., 2023). Ou seja, não foram identificados estudos que relacionem, de forma integrada, comportamentos financeiros, atitudes frente à dívida e saúde mental em populações inadimplentes e adimplentes.

Os resultados desta pesquisa contribuem para expandir o conhecimento sobre comportamento financeiro e endividamento em um país latino-americano com contexto social, político e econômico idiossincrático, que necessita de pesquisas sobre inequidades (Aguinis et al., 2020). Em particular, contribuem para demonstrar como variáveis psicológicas e socioeconômicas influenciam a tomada de decisões relacionadas ao crédito. Isso acrescenta nuances às abordagens tradicionais, que frequentemente tratam o endividamento apenas sob a ótica da racionalidade econômica.

Quanto às implicações práticas, os resultados deste estudo podem contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas de educação financeira, por exemplo,

incorporando-a ao currículo escolar e universitário para prevenir o endividamento excessivo. Também contribuir com programas, ações e iniciativas voltados à sociedade em geral para mitigar o endividamento das famílias brasileiras.

Capítulo 2

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SAÚDE MENTAL E DÍVIDAS

Há consenso crescente na literatura de que o endividamento está fortemente associado a transtornos psicológicos. Seja por transtornos relacionados a dívidas, por instabilidade econômica ou por incapacidade de cumprir obrigações financeiras. São eles: o sofrimento psicológico (Fitch et al., 2011; Hämmig, 2024; Hämmig & Herzig, 2022); o estresse e a depressão (Sweet, 2020); e a ansiedade (Faisal et al., 2022; Kim e Lee, 2024).

Essas condições podem levar à evitação de interações financeiras, à dificuldade de organizar pagamentos e à desorganização cognitiva, o que favorece ciclos de inadimplência (Sinha et al., 2024). A exposição prolongada a dívidas também contribui para um estado de vigilância emocional e desconforto psíquico generalizados, como evidenciado por educadores endividados, que apresentaram queda significativa em seu desempenho profissional e em sua satisfação com a vida (Sultana et al., 2024).

A inadimplência financeira impacta diretamente o bem-estar emocional, comprometendo o sono, a alimentação e a capacidade de concentração no trabalho ou nos estudos (Sultana et al., 2024; Iwagaki et al., 2021). Entre professores, observou-se que altos níveis de inadimplência estão relacionados a sintomas de ansiedade persistente, cefaleias, ausência no trabalho e queda na produtividade, além de afetar negativamente o relacionamento com alunos e colegas (Sultana et al., 2024).

De forma consistente, pesquisas demonstram que a percepção de insegurança financeira aumenta a probabilidade de distúrbios emocionais, principalmente entre indivíduos sem rede de apoio ou sem acesso a serviços de saúde mental (Iwagaki et al., 2021; Oliveira et al., 2024). No Brasil, uma pesquisa da Serasa (2025) mostrou os principais impactos emocionais e comportamentais causados pelas dívidas e pela inadimplência: insônia, pensamentos negativos, depreciação de si mesmo, dificuldade de concentração, alterações de humor, irritabilidade, ansiedade, tristeza, medo do futuro, vergonha, comprometimento do desempenho profissional, afastamento de amigos e impacto no relacionamento com pares e familiares.

O estudo de Iwagaki et al. (2021), realizado no Japão com vítimas de deslocamento por desastre ambiental, mostrou que a dificuldade financeira foi o principal fator associado ao sofrimento psicológico severo e que indivíduos em situação de instabilidade econômica apresentaram um risco 3,9 vezes maior de desenvolver transtornos ansioso-depressivos. Outros efeitos relatados incluem desesperança, perda de apetite, distúrbios do sono e ideação suicida em grupos expostos à insegurança econômica.

A ansiedade financeira, marcada por preocupações com dívidas e instabilidade de renda, tem impacto direto na saúde mental e no desempenho no trabalho, especialmente entre educadores com baixos salários e altos níveis de endividamento (Sultana et al., 2024). Esse tipo de estresse também aumenta a inadimplência entre tomadores de empréstimos estudantis (Sinha et al., 2024) e foi intensificado por crises como a pandemia, que alteraram os padrões de consumo e ampliaram a insegurança financeira (Valaskova et al., 2021).

Em um estudo com mais de três mil tomadores de empréstimos estudantis, altos níveis de ansiedade financeira aumentaram a probabilidade de inadimplência em até 30%, mesmo após controle por renda, escolaridade e comportamentos financeiros. A ausência de conhecimento financeiro adequado potencializa os efeitos negativos, ao limitar a capacidade de lidar racionalmente com a situação (Sinha et al., 2024).

Ambientes educacionais que oferecem suporte institucional e relações colaborativas têm se mostrado eficazes na redução dos impactos da ansiedade financeira sobre o desempenho profissional de professores, favorecendo o bem-estar e a produtividade (Sultana et al., 2024). Além disso, estratégias como oficinas de literacia financeira e o acesso a apoio psicológico institucional demonstraram reduzir significativamente os níveis de estresse financeiro durante períodos de crise, como observado durante a pandemia de COVID-19 (Oliveira et al., 2024).

2.2 ATITUDES EM RELAÇÃO À DÍVIDA

As atitudes em relação à dívida, isto é, juízos avaliativos que orientam o comportamento financeiro e a relação das pessoas com o endividamento, podem ser influenciadas por fatores psicológicos, sociais, econômicos e tecnológicos, moldando a maneira como os indivíduos percebem e gerenciam suas finanças (Davis & Lea, 1995; Harrison & Hatt, 2013; Białowolski et al., 2019).

Davis e Lea (1995) discutem a dívida sob a perspectiva psicológica, argumentando que as pessoas têm diferentes percepções sobre o endividamento dependendo do contexto e da finalidade do crédito. Eles destacam que o uso da dívida pode ser visto tanto como um meio racional de gestão financeira quanto como um

comportamento impulsivo, frequentemente associado a menor autocontrole e ao desejo imediato de consumo.

Já Harrison e Hatt (2013) enfatizam a influência das normas sociais e culturais na forma como as pessoas encaram a dívida. Segundo os autores, o endividamento pode ser normalizado em certas sociedades, sendo visto como um componente essencial para o acesso a bens e serviços, como a educação e a moradia. No entanto, também existe um estigma associado à dívida excessiva, que pode gerar estresse e ansiedade entre indivíduos que se encontram em situações financeiras difíceis.

Białowolski et al. (2019) exploram a relação entre endividamento e bem-estar financeiro. Eles argumentam que a forma como uma pessoa lida com sua dívida impacta diretamente sua saúde mental e sua qualidade de vida. O endividamento excessivo pode resultar em sofrimento emocional, enquanto o uso consciente do crédito pode ser uma ferramenta para melhorar a segurança financeira e o acesso a oportunidades econômicas.

Assim, este estudo argumenta que as atitudes favoráveis à dívida — como pedir dinheiro emprestado para comprar comida, considerar o endividamento parte do estilo de vida moderno e acreditar que é melhor adquirir algo agora e pagar depois — impactam a saúde mental. Da mesma forma, as atitudes contrárias ao endividamento — como considerar necessário evitar dívidas, entender que não há justificativa para contrair empréstimos e acreditar que é fundamental economizar antes de gastar (Davis & Lea, 1995) — também influenciam a saúde mental.

Ou seja, a situação – o status – diante das dívidas modera a relação entre as atitudes em relação à dívida e à saúde mental, de forma que essa relação é mais forte entre os inadimplentes. Assim, propõe-se a seguinte hipótese:

H1: O impacto das atitudes em relação à dívida sobre a saúde mental é maior entre os inadimplentes do que entre os adimplentes.

2.3 ATITUDES EM RELAÇÃO AO USO DO CARTÃO DE CRÉDITO

O uso excessivo do cartão de crédito é uma das principais causas de endividamento entre consumidores, especialmente entre jovens e indivíduos com baixa educação financeira. Frequentemente, esses consumidores, ainda no início da vida adulta, contraem dívidas superiores à sua capacidade real de pagamento, o que resulta em restrições de crédito e protestos. Esse fenômeno pode ser explicado por três fatores principais: a facilidade de acesso ao crédito, o consumo impulsivo e o uso rotativo do crédito, associado a altas taxas de juros. Quando combinados, esses elementos tornam o cartão de crédito um instrumento de risco financeiro significativo, especialmente quando utilizado sem planejamento adequado (Fernández-López et al., 2023; Millar, 2023).

No Brasil, em particular, o volume de transações com cartão de crédito cresceu expressivamente: no primeiro trimestre de 2025, aumentou 13,5%, totalizando R\$ 721,1 bilhões (Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços [ABECS], 2025). Dados da Confederação Nacional do Comércio (CNC, 2025) indicam que o cartão de crédito representa aproximadamente 84,5% das dívidas acumuladas pelos consumidores, consolidando-se como o principal fator do endividamento.

O avanço das fintechs e dos bancos digitais ampliou o acesso ao crédito, incluindo públicos anteriormente excluídos do sistema bancário, como autônomos e pequenos empreendedores. No entanto, esse aumento no acesso ao crédito também levou à elevação da inadimplência (Braido et al., 2019). A democratização do crédito

nem sempre é acompanhada por critérios rigorosos de concessão ou por iniciativas de educação financeira, o que faz com que muitos consumidores utilizem o cartão como extensão da renda mensal (Fernández-López et al., 2023). Essa prática é comum entre jovens e indivíduos em situação de vulnerabilidade econômica, que frequentemente pagam apenas o mínimo da fatura. Como consequência, acumulam juros elevados e entram em um ciclo de endividamento progressivo, o que torna as dívidas de difícil quitação (Fuentealba et al., 2024).

Entre jovens de 14 a 25 anos, o uso compulsivo do cartão de crédito tem se intensificado, impulsionado por frustrações emocionais e pela falta de orientação familiar. Muitos são expostos precocemente ao crédito em um ambiente de consumo exacerbado, sem suporte adequado à gestão financeira saudável (Oliveira et al., 2024). Além disso, estratégias agressivas de concessão de crédito e limites acima da capacidade real de pagamento do consumidor reforçam a ilusão de poder aquisitivo. No contexto brasileiro, a expressão "nome sujo" transcende as implicações econômicas, carregando uma simbologia de exclusão social, racial e moral, intensificando os efeitos da inadimplência (Millar, 2023).

A rotatividade de dívida no cartão de crédito, caracterizada pelo pagamento mínimo da fatura e pelo financiamento do saldo remanescente, é uma das principais causas de inadimplência grave. Muitos consumidores utilizam essa estratégia sem compreender plenamente os efeitos cumulativos dos juros compostos, perpetuando um ciclo de endividamento crescente que pode tornar a dívida praticamente impagável ao longo do tempo (Fuentealba et al., 2024; Thaler & Sunstein, 2009). Mesmo aqueles com boa liquidez financeira frequentemente optam pelo pagamento mínimo, perpetuando a dependência do crédito (Fuentealba et al., 2024). Para aliviar suas

dívidas, muitos recorrem a empréstimos pessoais com juros mais baixos para quitar o cartão, o que gera um novo ciclo de endividamento (Dunn & Ekici, 2006).

O uso impulsivo do cartão de crédito está diretamente relacionado à busca por gratificação imediata, à baixa autorregulação emocional e à ideia de consumo como forma de compensação emocional ou social (Felipe et al., 2023). Modelos comportamentais, como o ciclo de vida psicológico, ajudam a explicar esse fenômeno: o "eu impulsivo", voltado ao presente, frequentemente prevalece sobre o "eu planejador", orientado ao futuro. Em décadas anteriores, o acesso restrito ao crédito incentivava um comportamento financeiro mais cauteloso, com a aquisição de bens, como veículos e imóveis, somente após anos de poupança. Atualmente, impulsionado pela ampla oferta de crédito, o consumidor antecipa desejos por meio de financiamentos e empréstimos, assumindo compromissos financeiros muitas vezes acima de sua capacidade de pagamento (Fernández-López et al., 2023). Ou seja, para priorizar resultados da indústria, a comunicação de massa induz o consumo por efeito de manada; essa indução ininterrupta está por trás da chamada 'cultura do consumo' (Gomes, 2023).

Fatores como a ansiedade, o materialismo e a pressão social intensificam o consumo impulsivo, especialmente entre jovens com baixa educação financeira e alta exposição ao marketing digital (Felipe et al., 2023; Polo-Vargas et al., 2024). As redes sociais, os principais canais desse marketing, estimulam desejos artificiais e impõem padrões de consumo insustentáveis, impactando tanto jovens quanto outros públicos. O cartão de crédito, muitas vezes associado ao status e ao pertencimento social, reforça práticas de consumo descontrolado (Millar, 2023).

Assim, o status diante das dívidas modera a relação entre as atitudes quanto ao uso do cartão de crédito e a saúde mental, de modo que essa relação é mais forte entre os inadimplentes. Diante do exposto, é proposta a seguinte hipótese:

H2: O impacto das atitudes em relação ao uso do cartão de crédito sobre a saúde mental é maior entre os inadimplentes do que entre os adimplentes.

2.4 ACESSO AO CAPITAL FINANCEIRO (CRÉDITO)

O acesso ao capital financeiro desempenha um papel fundamental no crescimento econômico, na inclusão social e no fortalecimento do empreendedorismo. A evolução do sistema bancário brasileiro, impulsionada por políticas públicas, pela digitalização e pelo avanço das *fintechs*, ampliou significativamente o acesso ao crédito, especialmente entre populações antes excluídas do sistema financeiro formal. Contudo, essa expansão, embora positiva em muitos aspectos, tem gerado efeitos adversos como o aumento da inadimplência e a elevação dos riscos sistêmicos (Arora & Khanal, 2024; Ismanto et al., 2023; Roswitha et al., 2024).

As *fintechs* desempenharam um papel crucial nesse processo ao oferecerem crédito com menos burocracia, análise de risco automatizada e agilidade nos processos. Essa atuação ampliou o acesso a segmentos historicamente desassistidos pelas instituições financeiras tradicionais, como as micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) (Ismanto et al., 2023). No entanto, a expansão das operações de crédito por meio de plataformas digitais também acarretou desafios. O acesso facilitado tem alcançado consumidores com baixo nível de educação financeira, que muitas vezes assumem dívidas superiores à sua capacidade de pagamento, o que contribui para o aumento da vulnerabilidade financeira (Roswitha et al., 2024).

O crédito facilitado, embora beneficie a inclusão financeira, tem provocado um aumento da inadimplência em diversos segmentos da população. A teoria da fragilidade da competição bancária explica que, com o aumento da concorrência, as instituições financeiras tendem a flexibilizar os critérios de concessão, ampliando o crédito a perfis mais arriscados (Ismanto et al., 2023).

As crises financeiras internacionais evidenciam os riscos do crédito excessivamente facilitado e da falta de prudência regulatória. Na Espanha, políticas monetárias expansionistas e abundância de crédito resultaram em uma bolha imobiliária cujo colapso abalou profundamente o sistema financeiro (Chen, 2024).

A baixa literacia financeira, marcada por desigualdades de gênero e fatores socioeconômicos, contribuiu para uma maior vulnerabilidade da população durante esse processo (Muñoz-Céspedes et al., 2024). Situação semelhante foi observada entre estudantes de gestão no Nepal, que apresentaram fragilidades no entendimento do risco e dos investimentos, reforçando a importância da educação financeira (Kharel et al., 2024).

Adicionalmente, falhas na avaliação da capacidade de pagamento e da exposição ao risco de default ampliaram os efeitos da crise. Modelos mais robustos, como a regressão quantílica com cópulas, mostram-se essenciais para captar riscos extremos e aprimorar a gestão do crédito (Wattanawongwan et al., 2023). Esses elementos demonstram que políticas macroeconômicas adequadas, literacia financeira e instrumentos de avaliação de risco são fundamentais para reduzir vulnerabilidades sistêmicas.

No Brasil, observa-se um padrão semelhante ao do crescimento das fintechs, em que o aumento acelerado da base de clientes não foi acompanhado por controles

de risco eficazes ou por estratégias de educação financeira. Muitas dessas empresas priorizam o crescimento e a maximização de lucros, buscando constantemente novos clientes ou ampliar o crédito a consumidores já endividados (Roswitha et al., 2024). Esse cenário contribui diretamente para o aumento da inadimplência, especialmente em contextos de baixa renda. Em muitos casos, movidos pela urgência ou pela euforia de adquirir crédito, os consumidores aceitam condições desfavoráveis sem perceber os custos reais envolvidos. A conscientização só ocorre no momento da cobrança, quando já enfrentam dificuldades para honrar os compromissos (Polo-Vargas et al., 2024; Roswitha et al., 2024).

Assim, neste estudo, entre os inadimplentes, o acesso adicional ao crédito tende a intensificar a exposição a juros e a restrições de liquidez, agravando o estresse financeiro e seus correlatos psicológicos. Isto é, o status diante das dívidas modera a relação entre o acesso ao capital financeiro e a saúde mental, de modo que essa relação é mais forte entre os inadimplentes. Assim, é proposta a hipótese:

H3: O impacto do acesso ao capital financeiro sobre a saúde mental é maior entre os inadimplentes do que entre os adimplentes.

2.5 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

De um lado, comportamentos e atitudes financeiras são determinantes para a compreensão de como indivíduos tomam decisões econômicas no cotidiano, especialmente em situações de vulnerabilidade financeira. Esses comportamentos envolvem práticas como consumo, poupança, tomada de crédito, planejamento orçamentário e investimentos, e são influenciados por fatores emocionais, sociais e contextuais que interferem diretamente nas experiências e nos comportamentos dos

indivíduos. (Mancebón-Torrubia et al., 2024). A literatura recente aponta que a confiança para lidar com finanças, somada à motivação para o planejamento e ao domínio de habilidades como o controle de gastos e o uso de ferramentas orçamentárias, está associada a decisões econômicas mais eficazes (Núñez-Letamendia et al., 2024).

De outro lado, a ausência dessas iniciativas contribui para uma maior suscetibilidade ao endividamento, especialmente entre jovens com baixa formação financeira formal (Surwanti et al., 2024). Além disso, a capacidade de lidar com instrumentos financeiros mais complexos — como seguros, crédito rotativo ou aplicações de longo prazo — também compõe o comportamento financeiro maduro e está diretamente vinculada à tomada de decisões sustentáveis (Mancebón-Torrubia et al., 2024). A baixa literacia financeira é um fator determinante para o crescimento do endividamento entre jovens e adultos, especialmente no uso de cartões de crédito e de outras formas de crédito rotativo. A ausência de planejamento e o consumo impulsivo comprometem a estabilidade financeira e dificultam a construção de patrimônio ao longo do tempo. (Silva et al., 2019).

Mesmo em países com elevado nível de instrução formal, ainda é comum a adoção de práticas financeiras arriscadas. Isso reforça que o simples acesso à informação não é suficiente para transformar comportamentos. A educação financeira, quando incorporada de forma sistemática, tem se mostrado eficaz na redução do consumo impulsivo, no estímulo ao planejamento e na promoção da resiliência financeira (Muñoz-Céspedes et al., 2024; Polo-Vargas et al., 2024).

Neste contexto, emerge a educação financeira, que consiste em um processo contínuo de formação voltado ao desenvolvimento de habilidades para a gestão

eficiente e consciente dos recursos financeiros, com foco no planejamento, na poupança, no consumo responsável e na tomada de decisões que favoreçam o bem-estar individual e coletivo (Cordeiro et al., 2018).

A educação financeira capacita o indivíduo a gerir seus recursos de forma mais eficiente, promovendo maior consciência sobre seus hábitos de consumo e sua administração financeira pessoal. Ela também orienta a escolha de produtos financeiros, as opções de investimento para recursos excedentes e a adoção de práticas de controle orçamentário ao longo da vida (Barbosa, 2021). Quando integrada ao ambiente educacional, especialmente entre jovens adultos, contribui significativamente para o desenvolvimento de comportamentos financeiros saudáveis (Silva et al., 2019).

Estudos indicam que a inserção da educação financeira no ambiente educacional favorece o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade financeira, especialmente entre universitários (Girelli et al., 2023). A formação financeira nessa fase é essencial, pois prepara os jovens para a vida adulta e para o início da carreira profissional, ampliando suas chances de tomar decisões mais conscientes em comparação àqueles que não tiveram acesso a esse conhecimento (Fernández-López et al., 2023). O uso de tecnologias digitais, como aplicativos de gestão financeira e sistemas baseados em inteligência artificial, tem ampliado o acesso ao conhecimento e simplificado o aprendizado sobre finanças pessoais, especialmente entre indivíduos com pouca familiaridade com o sistema financeiro convencional (Kamarudin et al., 2025).

Assim, argumenta-se que a educação financeira – quando o indivíduo sabe, por exemplo, o que muda na inflação e nas taxas de juros, compara preços ao comprar

um produto ou serviço ou tem conhecimento sobre produtos financeiros (Mutlu & Özer, 2021) – impacta positivamente a saúde mental de quem tem dívidas. Ou seja, o status diante das dívidas modera a relação entre a educação financeira e a saúde mental, de modo que essa relação é mais fraca entre os inadimplentes.

Assim, é proposta a hipótese:

H4: O impacto da educação financeira sobre a saúde mental é menor entre os inadimplentes do que entre os adimplentes.

2.6 RESERVA FINANCEIRA

A reserva financeira é um componente essencial para a estabilidade econômica, atuando como proteção contra imprevistos e oscilações de renda. Durante a pandemia da COVID-19, instituições do terceiro setor enfrentaram quedas expressivas em suas receitas, e o uso de reservas acumuladas foi crucial para a manutenção de suas atividades essenciais, como demonstrado no caso da ACCA, que utilizou suas reservas para suprir a queda na arrecadação e garantir o atendimento a pacientes oncológicos (Carneiro et al., 2023).

Além disso, a reserva de emergência é vista como um alicerce para a sustentabilidade financeira de qualquer organização ou indivíduo, sendo apontada como uma estratégia eficiente de proteção contra endividamentos forçados (Carneiro et al., 2023). No contexto das finanças pessoais, ela representa segurança emocional e evita decisões impulsivas diante de crises econômicas (Oliveira et al., 2024). Com o avanço de instrumentos como as criptomoedas, parte da população passou a considerar ativos digitais como alternativas de reserva de valor, destacando a busca

por segurança e proteção patrimonial, apesar da alta volatilidade desses ativos (Viana & Hajj, 2023).

Estudos demonstram que, mesmo entre estudantes universitários com conhecimento básico de finanças, a prática da poupança regular permanece incipiente. A maioria reconhece a importância de formar uma reserva para aposentadoria ou emergências, mas não efetiva essa prática, revelando um descompasso entre intenção e ação (Reis et al., 2021). Entre os principais fatores estão a ausência de planejamento financeiro, a falta de disciplina e a baixa renda (Ramos et al., 2021).

Na análise de perfis acadêmicos, embora os jovens demonstrem consciência sobre investimentos e aposentadoria, a falta de ações concretas na construção de uma reserva financeira evidencia a fragilidade do comportamento financeiro preventivo (Reis et al., 2021). Em contextos mais amplos, como o terceiro setor, a ausência de reservas decorre, muitas vezes, da falta de uma política de planejamento orçamentário sistematizada (Carneiro et al., 2023). Comportamentos como o uso recorrente de crédito em vez de economia para formação de reserva são apontados como reflexo de uma cultura financeira reativa, ainda predominante no país (Oliveira et al., 2024).

A inexistência de uma reserva de emergência está diretamente associada ao aumento da inadimplência, especialmente em situações de perda de renda ou de emergências familiares. Durante períodos de instabilidade, indivíduos sem reservas são forçados a recorrer ao crédito, o que resulta em um ciclo de endividamento e inadimplência prolongados (Valaskova et al., 2021).

Ativos como o Bitcoin têm sido explorados pela população como alternativa de reserva financeira diante da desvalorização da moeda e da perda de poder de compra (Viana & Hajj, 2023). Essa busca por proteção, embora de alto risco, revela a importância percebida de dispor de reservas diante de incertezas econômicas.

Assim, argumenta-se que o status diante das dívidas modera a relação entre a reserva financeira e a saúde mental, de modo que essa relação é mais fraca entre os inadimplentes. Assim, é proposta a hipótese:

H5: O impacto da reserva financeira sobre a saúde mental é menor entre os inadimplentes do que entre os adimplentes.

Capítulo 3

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa foi quantitativa, com caráter analítico e comparativo entre dois grupos (inadimplentes vs. adimplentes), e serviu de base para testes de hipóteses com termos de interação.

3.1. PARTICIPANTES

A população-alvo da pesquisa compreende pessoas que se encontram em situação de inadimplência há mais de 30 dias atualmente ou esteve nessa situação nos últimos dois anos, bem como pessoas adimplentes. Para tanto, além da pergunta referente ao aceite ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi inserida uma pergunta: Quanto a se encontrar em alguma situação de inadimplência, com as seguintes opções de resposta: (i) No momento, me encontro em alguma situação de inadimplência há mais de 30 dias; (ii) Já estive em alguma situação de inadimplência no período de janeiro/2023 a maio/2025; (iii) Nenhuma das situações acima.

Desta forma, como 319 pessoas acessaram o questionário e 3 não aceitaram participar da pesquisa, a amostra final contemplou 316 residentes no Brasil. A caracterização demográfica consta na Tabela 1. Trata-se de uma amostragem não probabilística por conveniência, com estratégia de bola de neve em redes sociais, como Facebook, linkedin e Instagram, e convites por *e-mail*, *WhatsApp* e *Telegram*. Para mitigar o viés de seleção, os convites enfatizaram a participação de ambos os perfis (inadimplentes/adimplentes) e foram feitos em múltiplas regiões do país.

Antes da liberação do questionário ao público-alvo, foi realizado um pré-teste com 14 participantes que atendiam aos critérios gerais da pesquisa. O objetivo dessa etapa foi avaliar a clareza das instruções, a compreensão dos itens e a adequação da escala de respostas. Com base nos *feedbacks* obtidos, foram realizados ajustes pontuais na redação de algumas questões.

A Tabela 1 mostra o perfil demográfico da amostra com predominância do sexo feminino (53,9%), seguida por homens (45,9%) e apenas 0,3% preferiram não responder. Desses, 149 estavam ou estiveram em situação de inadimplência por mais de 30 dias no período entre maio de 2022 e maio de 2025, enquanto 167 não se encontravam em inadimplência em nenhuma dessas situações

Tabela 1 - Dados demográficos da pesquisa

Dados demográficos		n	%
Situação diante das dívidas	estava inadimplente há mais de 30 dias ou esteve inadimplente no período de janeiro/2023 a maio/2025	149	47,2
	não esteve inadimplente em nenhuma das situações	167	52,8
Sexo	feminino	170	53,9
	masculino	145	45,9
	preferiu não responder	1	0,2
Cor	branca	145	45,9
	parda	132	41,8
	preta	27	8,5
	amarela	9	2,9
	prefiro não dizer	2	0,6
	indígena	1	0,3
Geração	até 1964 (geração <i>baby-boomers</i>)	28	8,9
	entre 1965 e 1979 (geração x)	124	39,2
	entre 1980 e 1994 (geração y)	145	45,9
	a partir de 1995 (geração z)	19	6,0
Estado civil	casado/união estável	213	67,4
	solteiro	65	20,6
	divorciado/separado	36	11,4
	viúvo	2	0,6
Renda	não tenho renda	7	2,2
	até R\$ 1.518,00	23	7,3
	entre R\$ 1.519,00 e R\$ 4.554,00	46	14,6
	entre R\$ 4.555,00 e R\$ 7.590,00	59	18,7
	entre R\$ 7.061,00 e R\$ 22.270,00	62	19,6
	entre R\$ 7591,00 a R\$ 15.180,00	77	24,4

Dados demográficos		n	%
Escolaridade	acima de R\$ 22.271,00	42	13,2
	ensino fundamental (completo ou incompleto)	3	1,0
	ensino médio (completo ou incompleto)	34	10,8
	graduação (completa ou incompleta)	75	23,7
	pós-graduação - especialização / MBA	167	52,8
	mestrado (completo ou incompleto)	28	8,9
	doutorado (completo ou incompleto)	9	2,8
Unidade federativa	DF	143	45,3
	BA	79	25,0
	SP	30	9,5
	GO	12	3,8
	MG	12	3,8
	RJ	9	2,9
	PR	7	2,2
	ES	3	1,0
	MA	3	1,0
	MT	3	1,0
	PB	3	1,0
	PE	3	1,0
	SC	3	1,0
	CE	1	0,3
	PA	1	0,3
	PI	1	0,3
	RS	1	0,3
	SE	1	0,3
	TO	1	0,3

Fonte: Elaborada pela autora.

No que diz respeito à cor/raça, a maioria dos participantes se autodeclarou branca (45,9%) ou parda (41,8%). As demais categorias tiveram menor representatividade: pretos (8,5%), amarelos (2,9%) e indígenas (0,3%). Quanto à faixa etária, a maior parte dos respondentes pertence à Geração Y (1980–1994) (45,9%), seguida pela Geração X (1965–1979) (39,2%). Apenas 8,9% eram Baby Boomers e 6% eram da Geração Z. Em relação ao estado civil, predominou o grupo casado/união estável (67,4%), seguido de solteiros (20,6%) e divorciados/separados (11,4%). Apenas 0,6% eram viúvos.

A renda apresentou ampla distribuição. O maior grupo (24,4%) declarou renda entre R\$ 7.591,00 e R\$ 15.180,00, seguido por 19,6% entre R\$ 7.061,00 e R\$

22.270,00 e 13,3% com renda acima de R\$ 22.271,00. Em contrapartida, 2,2% afirmaram não possuir renda. Em termos de escolaridade, mais da metade possuía pós-graduação (52,9%), seguida por graduação (23,7%). Apenas 10,8% tinham ensino médio e menos de 1% tinham ensino fundamental. A distribuição geográfica mostrou forte concentração no Distrito Federal (45,3%) e na Bahia (25%), mas incluiu respondentes de outros 17 estados.

Por fim, quanto à situação de inadimplência, a maioria dos participantes (64,6%) declarou estar ou ter estado inadimplente nos últimos três anos, enquanto 35,4% não relataram episódios de inadimplência nesse período. A predominância de inadimplentes na amostra está alinhada ao objetivo do estudo, favorecendo comparações consistentes entre os grupos e permitindo explorar com maior profundidade os efeitos da inadimplência sobre os indicadores analisados.

3.2. MEDIDAS E OPERACIONALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS

A variável situação diante das dívidas foi operacionalizada como dicotômica (*dummy*), assumindo valor 1 para participantes inadimplentes e 0 para adimplentes. As atitudes pró-dívidas e atitudes contra dívidas, com sete itens cada, de Davis e Lea (1995) foram medidas por meio de um escore contínuo em escala Likert de cinco pontos (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente), incluindo afirmações relacionadas à aceitação ou rejeição do endividamento, como “é aceitável usar crédito para manter o padrão de vida” e “endividar-se deve ser evitado sempre”.

O uso do cartão de crédito foi avaliado por meio de um escore contínuo em escala Likert de 5 pontos (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente), considerando a frequência de utilização e modalidades como parcelamento, crédito

rotativo e adiantamento de fatura. Para tanto, utilizou-se a escala de Roberts e Jones (2001), com 12 itens.

O acesso ao capital financeiro correspondeu a um escore contínuo que reflete a percepção dos participantes sobre sua capacidade de obter crédito ou recursos, tanto formais quanto informais. Foi utilizada a escala de Wiklund e Shepherd (2005), com um item, conforme mostrado na Figura 1. Essa escala foi originalmente desenvolvida para mensurar o acesso das organizações ao capital financeiro. Optou-se por utilizá-la neste estudo devido à sua consistência teórica e validade empírica, reconhecidas em pesquisas posteriores. Entretanto, considerando que o presente trabalho tem como foco o acesso individual ao capital, a escala foi adaptada para captar a experiência das pessoas, em vez das organizações. Essa adaptação mantém a lógica central dos autores — a percepção de disponibilidade e facilidade de obtenção de recursos financeiros.

Já a educação financeira foi mensurada por meio de um escore contínuo, baseado na escala de Mutlu e Özer (2021), com quatro itens, como conhecimento sobre as mudanças na inflação e nas taxas de juros, produtos financeiros e comparação de preços. Foi usada uma escala Likert de cinco pontos (1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente).

A reserva financeira foi dividida em dois indicadores: o primeiro, denominado “ter ajuda”, corresponde a um escore em escala Likert que mede a percepção de contar com apoio material em situações emergenciais, de Danahy et al. (2024); o segundo, denominado “ter recursos”, foi tratado como variável dicotômica (dummy), assumindo valor 1 quando o participante declarou possuir reservas financeiras

(poupança ou aplicações) e 0 quando não possuía, com base em Despard et al. (2024).

A saúde mental foi operacionalizada com base em quatro dimensões de Sinclair et al. (2005). Trata-se de uma escala que mede o bem-estar psicológico de uma população e pode ser usada para avaliar a saúde mental das pessoas. Saúde mental abrange dimensões do bem-estar psicológico, incluindo a regulação emocional e a resiliência diante das demandas do cotidiano, elementos essenciais para uma existência plena e produtiva (Keyes, 2002; OMS, 2022). Nesta pesquisa, foram utilizadas as quatro dimensões: sentimentos positivos e negativos, suporte social e sintomas físicos (Sinclair et al., 2005). Os sentimentos positivos e negativos foram avaliados por meio de escores médios em escala Likert de cinco pontos, representando, respectivamente, a frequência de experiências emocionais agradáveis (seis itens) e desagradáveis (quatro itens) no cotidiano. O suporte social percebido também foi mensurado por meio de escore médio em escala Likert de cinco pontos, refletindo a percepção da disponibilidade de apoio interpessoal (dois itens). Já os sintomas físicos foram avaliados por meio de escore médio em escala Likert de cinco pontos, que captou a frequência de queixas somáticas relatadas pelos participantes (dois itens).

Além das variáveis centrais, foram criadas variáveis de controle dicotômicas (*dummies*) para inclusão nos modelos de regressão múltipla: sexo feminino (1 = feminino; 0 = demais), cor branca (1 = branca; 0 = demais), geração Y (1 = nascidos entre 1980 e 1994; 0 = demais gerações), estado civil casado ou em união estável (1 = casado/união estável; 0 = demais), renda até cinco salários-mínimos (1 = até 5 SM; 0 = acima) e escolaridade de pós-graduação (1 = pós-graduação completa ou em andamento; 0 = demais).

Figura 1 – Detalhamento das variáveis do estudo.

Fontes	Afirmativas originais	Afirmativas traduzidas/adaptadas	Escalas
Atitudes em relação à dívida (Davis & Lea, 1995)	<p>Attitudes against debt</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. There is no excuse for borrowing money 2. Banks should not give interest-free overdrafts to students 3. You should always save up first before buying something. 4. Students should be discouraged from using credit cards 5. Once you are in debt, it isn't easy to get out 6. You should stay at home rather than borrow money to go out for an evening in the pub 7. Owing money is basically wrong <p>Attitudes pro debt</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Students have to go into debt. 2. It is OK to borrow money in order to buy food. 3. Debt is an integral part of today's lifestyle. 4. Banks should not be surprised when students incur large debts. 5. It is OK to have an overdraft if you know you can pay it off. 6. It is better to have something now and pay for it later. 7. Taking out a loan is a good thing because it allows you to enjoy life as a student. 	<p>Atitudes contra dívidas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Não há desculpa/motivo para eu pedir dinheiro emprestado. 2. Os bancos não deveriam me dar um cheque especial sem juros. 3. Eu devo sempre economizar antes de comprar algo. 4. Eu devo ser desencorajado(a) a usar cartões de crédito. 5. Uma vez que eu estou endividado (a), é muito difícil sair (me livrar da dívida). 6. Eu deveria ficar em casa em vez de pedir dinheiro emprestado para sair à noite. 7. Dever dinheiro é basicamente errado. <p>Atitudes pró-dívidas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Eu tenho que me endividar. 2. Não há problema em pedir dinheiro emprestado para comprar comida. 3. A dívida é parte integrante do meu estilo de vida de hoje. 4. Os bancos não deveriam se surpreender quando eu contrair grandes dívidas. 5. Não há problema em ter um cheque especial se eu sei que posso pagar. 6. É melhor ter algo agora e pagar depois. 7. Fazer um empréstimo é uma coisa boa porque me permite aproveitar a vida. 	1 [Discordo totalmente] a 5 [Concordo totalmente]

Fontes	Afirmativas originais	Afirmativas traduzidas/adaptadas	Escalas
Atitudes em relação ao uso do cartão de crédito Roberts & Jones (2001)	<ol style="list-style-type: none"> 1. My credit cards are usually at their maximum credit limit. 2. I frequently use available credit on one credit card to make a payment on another credit card. 3. I always pay off my credit cards at the end of each month. (R) 4. I worry how I will pay off my credit card debt. 5. I often make only the minimum payment on my credit card bills. 6. I am less concerned with the price of a product when I use a credit card. 7. I am more impulsive when I shop with credit cards. 8. I spend more when I use a credit card. 9. I am seldom delinquent in making payments on my credit cards. (R) 10. I rarely go over my available credit limit. (R) 11. I seldom take cash advances on my credit cards. (R) 12. I have too many credit cards. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Meus cartões de crédito geralmente estão no limite máximo de crédito. 2. Frequentemente uso o crédito disponível em um cartão de crédito para fazer um pagamento em outro cartão de crédito. 3. Sempre pago meus cartões de crédito no final de cada mês. (R) 4. Me preocupo com como pagarei minha dívida de cartão de crédito. 5. Frequentemente faço apenas o pagamento mínimo das minhas faturas de cartão de crédito. 6. Estou menos preocupado com o preço de um produto quando uso um cartão de crédito. 7. Sou mais impulsivo quando compro com cartão de crédito. 8. Gasto mais quando uso um cartão de crédito. 9. Raramente sou inadimplente com pagamentos nos meus cartões de crédito. (R) 10. Raramente excedo meu limite de crédito disponível. (R) 11. Raramente aceito adiantamentos em dinheiro em meus cartões de crédito. (R) 12. Tenho muitos cartões de crédito. 	1 [Discordo totalmente] a 5 [Concordo totalmente]
Educação financeira (Mutlu & Özer, 2022)	<ol style="list-style-type: none"> 1. I know what inflation and interest rates changes 2. I make a price comparison when buying a product or service 3. I pay attention to the price/performance ratio when buying a product or service 4. I have knowledge about financial products 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Eu sei o que muda na inflação e nas taxas de juros 2. Eu faço uma comparação de preços ao comprar um produto ou serviço 3. Eu presto atenção à relação preço/desempenho ao comprar um produto ou serviço 4. Eu tenho conhecimento sobre produtos financeiros 	
Reserva financeira (ter ajuda) (Danahy et al. (2024)	Qual a probabilidade de você conseguir \$400 em dinheiro em caso de emergência financeira durante o ano letivo?	Qual a probabilidade de você conseguir \$400 em dinheiro em caso de emergência financeira durante o ano letivo?	1 [Muito improvável] 5 [Muito provável]

Fontes	Afirmativas originais	Afirmativas traduzidas/adaptadas	Escalas
Reserva financeira – Ter recursos (Despard et al., 2024)	Have you set aside emergency or rainy day funds that would cover your expenses for 3 months, in case of sickness, job loss, economic downturn, or other emergencies?	Você reservou fundos de emergência ou para dias chuvosos que cobririam suas despesas por três meses, em caso de doença, perda de emprego, crise econômica ou outras emergências?	(1) Sim (2) Não
Saúde mental Sinclair et al., (2005)	<p>Positive wording</p> <p>I have felt OK about myself</p> <p>I have felt able to cope when things go wrong</p> <p>I have been happy with the things I have done</p> <p>I have been able to do most of the things I needed to</p> <p>I have felt optimistic about my future</p> <p>I have achieved the things I wanted to</p> <p>Negative wording</p> <p>I have felt tense, anxious or nervous</p> <p>I have felt criticised by other people</p> <p>I have felt unhappy</p> <p>I have been irritable when with other people</p> <p>Social support</p> <p>I have felt I have someone to turn to when things go wrong</p> <p>I have felt warmth or affection for someone</p> <p>Physical symptoms</p> <p>I have been troubled by aches, pains or other physical symptoms</p> <p>I have had difficulty getting to sleep or staying asleep</p>	<p>Sentimentos positivos</p> <p>Eu me senti bem comigo mesmo</p> <p>Senti que era capaz de lidar quando as coisas deram errado</p> <p>Fiquei feliz com as coisas que fiz</p> <p>Consegui fazer a maioria das coisas que precisava</p> <p>Senti-me otimista sobre meu futuro</p> <p>Conquistei as coisas que queria</p> <p>Sentimentos negativos</p> <p>Senti-me tenso, ansioso ou nervoso</p> <p>Senti-me criticado por outras pessoas</p> <p>Senti-me infeliz</p> <p>Fiquei irritado quando estava com outras pessoas</p> <p>Suporte social</p> <p>Senti que tinha alguém a quem recorrer quando as coisas deram errado</p> <p>Senti calor ou afeição por alguém</p> <p>Sintomas físicos</p> <p>Fiquei incomodado com dores, sofrimentos ou outros sintomas físicos</p> <p>Tive dificuldade para dormir ou permanecer dormindo</p>	1 [Nunca a 5 [Sempre}]
Acesso ao capital financeiro Wiklund & Shepherd (2005)	Business manager's level of satisfaction with his/her access to financial capital.	Qual é o seu nível de satisfação com o seu acesso ao crédito?	1 [Muito insatisfeito] a 5 [Muito satisfeito]

Fonte: Davis & Lea, 1995, Roberts & Jones 2001, Mutlu & Özer, 2022, Danahy et al. 2024, Danahy et al. 2024, Despard et al., 2024, Sinclair et al., 2005 e Wiklund & Shepherd 2005. Fonte: Davis & Lea, 1995, Roberts & Jones 2001, Mutlu & Özer, 2022, Danahy et al. 2024, Danahy et al. 2024, Despard et al., 2024, Sinclair et al., 2005 e Wiklund & Shepherd 2005.

3.3 PREPARAÇÃO DOS DADOS

Dados ausentes foram tratados por *listwise deletion* quando a proporção de faltantes foi $< 5\%$ por variável. Acima desse patamar, aplicou-se imputação múltipla por equações encadeadas (*multiple imputation by chained equations*) no Stata (*mi impute chained*), com registro prévio das variáveis, inclusão de variáveis auxiliares relevantes e geração de $m = 20$ imputações. A convergência foi acompanhada por inspeção de *trace plots* e verificação do erro de Monte Carlo; as estimativas finais foram combinadas via regras de Rubin (*mi estimate*). As escalas foram orientadas para que maiores valores indicassem maior intensidade do traço e, quando necessário, padronizadas na forma de z-escores. A inspeção de pontos influentes e outliers multivariados considerou alavancagem e Distância de Cook (*estat influence*, *predict hat cooks*) e, adicionalmente, distância de Mahalanobis (corte aproximado por qui-quadrado $p < .001$). As análises de sensibilidade incluíram estimações com e sem outliers e comparação entre base completa, base *listwise* e base MI.

3.3.1 Análise estatística descritiva

A análise estatística descritiva foi utilizada para apresentar o perfil dos participantes e resumir as variáveis psicossociais e financeiras antes das análises inferenciais. Foram calculadas a média, o desvio-padrão, e os valores mínimo e máximo para variáveis contínuas. Para variáveis categóricas, como sexo, cor/raça, estado civil, geração e situação de inadimplência, foram descritas frequências absolutas e relativas.

A estatística descritiva foi realizada separadamente para os grupos de inadimplentes e adimplentes, permitindo uma comparação exploratória entre os perfis

antes dos testes de hipótese. Essa etapa permitiu observar diferenças preliminares nas médias de atitudes financeiras, indicadores de uso de crédito, níveis de educação financeira, acesso ao capital financeiro, existência de reserva financeira e dimensões da saúde mental.

As escalas utilizadas variaram de 1 a 5. Por esse motivo, as variáveis contínuas foram mantidas em seus valores originais, sem transformação, exceto nos casos de itens invertidos, que foram previamente recodificados (*reverse scoring*) para garantir que valores mais altos indicassem maior intensidade do traço mensurado. Para a variável dicotômica “reserva financeira – ter recursos” e demais variáveis de controle, foram descritas apenas frequências e proporções.

Tabela 2 foi elaborada com base nesse procedimento, apresentando estatísticas descritivas completas de cada variável, estratificadas por grupo. Essa etapa preliminar forneceu suporte às análises subsequentes e antecedeu a comparação formal de médias por meio dos testes t , descrita na Seção 3.4.

3.4 COMPARAÇÃO DE MÉDIAS ENTRE ADIMPLENTES E INADIMPLENTES

Para avaliar diferenças psicossociais entre indivíduos adimplentes e inadimplentes, foram comparadas as médias de seis indicadores: sentimento positivo, sentimento negativo (invertido), suporte social, suporte físico, GP-Score 1 e GP-Score 2.

3.4.1 Procedimento Estatístico

A comparação entre os grupos foi realizada por meio de testes t para amostras independentes, considerando amostras não pareadas. Inicialmente, aplicou-se o teste

t tradicional sob o pressuposto de variâncias iguais. Para garantir a robustez dos resultados, independentemente da homocedasticidade, também foram utilizados o teste t de Welch (para variâncias desiguais), intervalos de confiança paramétricos de 95% para a diferença entre médias, intervalos de confiança obtidos por *bootstrap* (10.000 reamostragens) e o teste de permutação de *Monte Carlo*, que avalia a significância da diferença sem pressuposto de normalidade.

As análises adotaram nível de significância de $\alpha = 0,05$, com rejeição da hipótese nula para valores de $p < 0,05$. Para interpretação complementar, utilizou-se o valor crítico $t = 1,9675$, com base no tamanho amostral combinado ($N = 316$).

3.4.2. Variáveis e Construção dos Escores Globais

Além das dimensões individuais (sentimento positivo, sentimento negativo invertido, suporte social e suporte físico), foram incluídos dois escores compostos fornecidos pelo instrumento: GP-Score 1, que representa um índice global não ponderado de funcionamento psicossocial; e GP-Score 2, correspondente à versão padronizada desse índice, com possíveis ajustes fatoriais. Esses escores sintetizam a condição psicossocial geral dos participantes e permitem uma comparação integrada entre os grupos.

3.5 MODELO PROPOSTO

Para cumprir as propostas nesta pesquisa foi conduzido um estudo quantitativo, com corte transversal e dados primários. Os resultados foram estimados com base no modelo econométrico proposto, apresentado na Equação 1.

$$SMENTAL_i = \beta_0 + \beta_1 ATIVID_i + \beta_2 ATICC_i + \beta_3 ACESS_i + \beta_4 EFIN_i + \beta_5 FRES_i + \\ + \beta_6 SIT.ATIVID_i + \beta_7 SIT.ATICC_i + \beta_8 SIT.ACESS_i + \beta_9 SIT.EFIN_i + \beta_{10} SIT.FRES_i + \\ \sum \beta_k Controles + \varepsilon_i$$

Na Equação 1, *SMENTAL_i* representa os desfechos de saúde mental (sentimentos positivos, sentimentos negativos, suporte social e sintomas físicos) para o indivíduo *i*. As variáveis *ATIVID_i*, *ATICC_i*, *ACESS_i*, *EFIN_i* e *FRES_i* correspondem, respectivamente, às atitudes em relação às dívidas, ao uso do cartão de crédito, ao acesso ao capital financeiro, à educação financeira e às reservas financeiras. A variável *SIT* refere-se ao dummy de situação de inadimplência, assumindo valor 1 para inadimplentes e 0 para adimplentes. As interações testadas (hipóteses H1 a H5) foram construídas pela multiplicação entre cada variável central e o *dummy* de situação de inadimplência.

3.6 TESTES DOS PRESSUPOSTOS DA REGRESSÃO LINEAR

Os pressupostos da regressão linear foram verificados de forma sistemática. A linearidade entre as variáveis independentes e os desfechos foi inspecionada por meio de gráficos de resíduos ajustados e valores previstos. A normalidade dos resíduos foi avaliada por inspeção visual dos histogramas e dos gráficos Q-Q, além do teste de

Shapiro–Wilk aplicado às distribuições dos resíduos padronizados. A homocedasticidade foi verificada por meio do teste de Breusch–Pagan e do teste de White (estat `hettest`, estat `imtest`, `white` no Stata); diante da presença de heterocedasticidade, adotaram-se erros-padrão robustos em todas as estimações. A independência dos resíduos foi examinada por meio do teste de Durbin–Watson (estat `dwatson`), sem indicação de autocorrelação seriada relevante, dada a natureza transversal da amostra.

A ausência de multicolinearidade foi confirmada pelo cálculo do VIF (*Variance Inflation Factor*) (estat `vif`), com valores abaixo do ponto de corte de 5 em todas as especificações. Por fim, outliers e pontos influentes foram inspecionados por meio da alavancagem e da Distância de Cook (estat `influence`, `predict hat` `cooksd`), além da distância de Mahalanobis, sendo conduzidas análises de sensibilidade com e sem casos extremos.

Capítulo 4

4 ANÁLISE DE DADOS

4.1 ESTATÍSTICA DESCRITIVA

Os resultados da Tabela 2 apresentam as estatísticas descritivas das variáveis centrais da pesquisa, comparando inadimplentes ($n = 149$) e adimplentes ($n = 167$).

Tabela 2 - Comparação descritiva das variáveis psicossociais e financeiras entre inadimplentes e adimplentes

Variáveis	Inadimplentes ($n = 149$)				Adimplentes ($n = 167$)			
	Média	Desvio padrão	Min	Max	Média	Desvio padrão	Min	Max
Atitudes pró-dívidas	2,488	0,785	1,000	5,000	2,246	0,714	1,000	4,429
Atitudes contra dívidas	3,091	0,611	1,714	4,714	2,804	0,532	1,571	4,143
Uso do cartão de crédito	2,481	0,704	1,333	4,167	1,956	0,580	1,000	3,417
Acesso ao capital financeiro	3,195	1,384	1,000	5,000	3,844	1,275	1,000	5,000
Educação financeira	3,992	0,894	1,000	5,000	4,232	0,828	1,000	5,000
Reserva financeira - Ter ajuda	3,416	1,611	1,000	5,000	4,389	1,181	1,000	5,000
Reserva financeira - Ter recursos	0,799	0,402	0,000	1,000	0,311	0,464	0,000	1,000
Saúde mental								
Sentimentos positivos	3,413	0,767	1,500	5,000	3,766	0,767	1,000	5,000
Sentimentos negativos	3,403	0,745	1,250	4,750	3,734	0,650	1,000	5,000
Suporte social	3,245	0,931	1,500	5,000	3,311	1,002	1,000	5,000
Sintomas físicos	3,134	1,070	1,000	5,000	3,476	1,028	1,000	5,000

Fonte: Dados da pesquisa.

No que se refere às atitudes em relação às dívidas, os inadimplentes demonstraram maior média tanto em atitudes pró-dívidas ($M = 2,49$; $DP = 0,79$) quanto em atitudes contra dívidas ($M = 3,09$; $DP = 0,61$), quando comparados aos adimplentes ($M = 2,25$; $DP = 0,71$; e $M = 2,80$; $DP = 0,53$, respectivamente).

Quanto ao uso do cartão de crédito, os inadimplentes relataram maior frequência de utilização ($M = 2,48$; $DP = 0,70$) em relação aos adimplentes ($M = 1,96$; $DP = 0,58$). No entanto, no acesso ao capital financeiro, o grupo adimplente apresentou média superior ($M = 3,84$; $DP = 1,28$) em comparação aos inadimplentes ($M = 3,20$; $DP = 1,38$).

Em relação à educação financeira, os adimplentes apresentaram valores médios mais elevados ($M = 4,23$; $DP = 0,83$) do que os inadimplentes ($M = 3,99$; $DP = 0,89$), evidenciando maior habilidade para lidar com finanças. Da mesma forma, no que diz respeito à reserva financeira, os adimplentes relataram maior apoio de terceiros em situações emergenciais ($M = 4,38$; $DP = 1,18$) em comparação aos inadimplentes ($M = 3,41$; $DP = 1,61$). Por outro lado, no indicador de recursos próprios disponíveis, os inadimplentes apresentaram proporção mais alta ($M = 0,80$; $DP = 0,40$) do que os adimplentes ($M = 0,31$; $DP = 0,46$).

Nos desfechos de saúde mental, os adimplentes apresentaram maior média em sentimentos positivos ($M = 3,77$; $DP = 0,77$) em comparação aos inadimplentes ($M = 3,41$; $DP = 0,77$). Em contrapartida, os adimplentes também exibiram maiores médias em sentimentos negativos ($M = 3,73$; $DP = 0,65$) e sintomas físicos ($M = 3,48$; $DP = 1,03$), em relação aos inadimplentes ($M = 3,40$; $DP = 0,75$; e $M = 3,13$; $DP = 1,07$, respectivamente). No caso do suporte social, as médias foram semelhantes entre os grupos (inadimplentes: $M = 3,25$; $DP = 0,93$; adimplentes: $M = 3,31$; $DP = 1,00$).

4.2 TESTE DE HIPÓTESES

4.2.1 Análise dos efeitos sobre a saúde mental – sentimentos positivos

Os modelos de regressão apresentados na Tabela 3 examinaram os determinantes dos sentimentos positivos da saúde mental.

Tabela 3 – Teste de hipóteses – Sentimentos positivos

		Modelo 1				Modelo 2			
Sentimentos positivos	Hipóteses	B	Desvio padrão robusto	t-valor	p- valor	β	Desvio padrão robusto	t-valor	p-valor
Situação diante das dívidas		-0,068	0,891	-0,080	0,939	-0,170	0,879	-0,19	0,847
Atitudes pró-dívidas		0,020	0,094	0,21	0,834	0,052	0,093	0,56	0,576
Atitudes contra dívidas		-0,102	0,114	-0,90	0,371	-0,103	0,113	-0,91	0,366
Atitudes - uso do cartão de crédito		-0,258	0,110	-2,36	0,019	-0,287	0,111	-2,58	0,010
Acesso ao capital financeiro		0,064	0,044	1,44	0,151	0,048	0,046	1,05	0,295
Educação financeira		0,178	0,092	1,94	0,053	0,169	0,089	1,89	0,060
Reserva financeira 1 - Ter ajuda		-0,028	0,055	-0,50	0,614	-0,038	0,058	-0,66	0,511
Reserva financeira 2 - Ter recursos		-0,146	0,143	-1,02	0,308	-0,126	0,143	-0,88	0,380
Situação diante das dívidas x Atitudes pró-dívidas	H1	0,105	0,130	0,81	0,420	0,089	0,126	0,71	0,477
Situação diante das dívidas x Atitudes contra dívidas		-0,053	0,162	-0,33	0,743	-0,031	0,163	-0,19	0,848
Situação diante das dívidas x Uso do cartão de crédito	H2	0,120	0,146	0,82	0,410	0,164	0,150	1,09	0,275
Situação diante das dívidas x Acesso ao capital financeiro	H3	-0,091	0,068	-1,35	0,179	-0,073	0,069	-1,07	0,285
Situação diante das dívidas x Educação financeira	H4	-0,157	0,124	-1,26	0,207	-0,161	0,123	-1,32	0,189
Situação diante das dívidas x Reserva financeira 1 - Ter ajuda	H5	-0,028	0,055	-0,50	0,614	0,129	0,078	1,66	0,097
Situação diante das dívidas x Reserva financeira 2 - Ter recursos		0,058	0,223	0,26	0,794	0,024	0,227	0,11	0,916
Dummy_Feminino						0,010	0,090	0,11	0,911
Dummy_Cor branca						-0,156	0,085	-1,83	0,068
Dummy_Geração Y						-0,025	0,082	-0,31	0,759
Dummy_Casados/União estável						-0,001	0,099	-0,01	0,995
Dummy_Até 5 salários-mínimos						-0,209	0,106	-1,97	0,049
Dummy_Pós-graduação						0,065	0,100	0,65	0,519
_cons		3,680	0,675	5,45	0,000	3,910	0,683	5,73	0,000
Nr. Obs.			316				316		
Teste F			F(15,300) = 4,44				F(21, 294) = 4,05		
Prob>F			0,0000				0		
R ²			0,1797				0,2057		
RMSE			0,7295				0,72511		

Fonte: Dados da pesquisa.

No Modelo 1, o uso do cartão de crédito apresentou associação negativa e estatisticamente significativa ($\beta = -0,258$; $p = 0,019$). Esse resultado indica que, quanto maior o uso do cartão, menor a frequência de sentimentos positivos relatados pelos participantes, sugerindo que esse comportamento financeiro pode estar associado a maior sobrecarga emocional. A educação financeira apresentou efeito positivo marginal ($\beta = 0,178$; $p = 0,053$), o que indica que níveis mais elevados de habilidades em lidar com finanças, tendem a estar relacionados a ter mais sentimentos positivos, embora essa associação seja frágil do ponto de vista estatístico. As demais variáveis — situação de inadimplência, atitudes pró e contra dívidas, acesso ao capital e reservas financeiras — não mostraram associação significativa.

No Modelo 2, que incluiu variáveis de controle sociodemográficas e termos de interação, o efeito negativo do uso do cartão de crédito manteve-se robusto ($\beta = -0,287$; $p = 0,010$). A educação financeira manteve-se como efeito positivo marginal ($\beta = 0,169$; $p = 0,060$). Entre os controles, a renda até cinco salários-mínimos apresentou associação negativa significativa ($\beta = -0,209$; $p = 0,049$). A variável cor branca apresentou associação marginal negativa ($\beta = -0,156$; $p = 0,068$).

As interações avaliadas nas hipóteses H1 a H5 não apresentaram significância estatística. Ainda assim, a interação entre situação de inadimplência e reserva financeira – ter ajuda aproximou-se da significância ($\beta = 0,129$; $p = 0,097$).

No que diz respeito ao ajuste global, o Teste F foi significativo em ambos os modelos (Modelo 1: $F(15, 300) = 4,44$; $p < 0,001$; Modelo 2: $F(21, 294) = 4,05$; $p < 0,001$), confirmando que o conjunto das variáveis explica de forma estatisticamente relevante a variação dos sentimentos positivos. O R^2 aumentou de 0,18 para 0,21 com a inclusão dos controles, indicando que aproximadamente 21% da variação desse

desfecho é explicada pelo modelo completo. O RMSE reduziu ligeiramente (de 0,7295 para 0,7251), o que sugere melhora marginal na precisão preditiva.

4.2.2 Análise dos efeitos sobre a saúde mental – sentimentos negativos

Os modelos apresentados na Tabela 4 investigaram os determinantes dos sentimentos negativos da saúde mental.

Tabela 4 – Teste de hipóteses – Sentimentos negativos

		Modelo 1				Modelo 2			
Sentimentos negativos	Hipóteses	β	Desvio padrão robusto	t-valor	p-valor	β	Desvio padrão robusto	t-valor	p-valor
Situação diante das dívidas		-0,803	0,673	-1,19	0,234	-0,831	0,671	-1,24	0,216
Atitudes pró-dívidas		-0,068	0,085	-0,80	0,424	-0,050	0,086	-0,58	0,561
Atitudes contra dívidas		-0,235	0,089	-2,65	0,009	-0,234	0,089	-2,63	0,009
Atitudes - uso do cartão de crédito		-0,105	0,085	-1,23	0,220	-0,113	0,088	-1,29	0,198
Acesso ao capital financeiro		0,048	0,037	1,29	0,197	0,044	0,040	1,09	0,276
Educação financeira		0,034	0,065	0,52	0,601	0,032	0,065	0,49	0,626
Reserva financeira 1 - Ter ajuda		-0,025	0,040	-0,61	0,539	-0,026	0,043	-0,60	0,546
Reserva financeira 2 - Ter recursos		0,071	0,105	0,68	0,497	0,077	0,106	0,73	0,467
Situação diante das dívidas x Atitudes pró-dívidas	H1	0,050	0,122	0,41	0,685	0,037	0,126	0,30	0,767
Situação diante das dívidas x Atitudes contra dívidas		0,070	0,145	0,48	0,630	0,078	0,144	0,54	0,590
Situação diante das dívidas x Uso do cartão de crédito	H2	0,007	0,134	0,05	0,961	0,016	0,138	0,12	0,908
Situação diante das dívidas x Acesso ao capital financeiro	H3	0,039	0,071	0,55	0,584	0,045	0,073	0,62	0,537
Situação diante das dívidas x Educação financeira	H4	0,013	0,100	0,13	0,897	0,016	0,101	0,16	0,873
Situação diante das dívidas x Reserva financeira 1 - Ter ajuda	H5	0,039	0,062	0,63	0,529	0,035	0,065	0,53	0,596
Situação diante das dívidas x Reserva financeira 2 - Ter recursos		-0,092	0,209	-0,44	0,662	-0,095	0,212	-0,45	0,656
Dummy_Feminino						-0,009	0,090	-0,10	0,917
Dummy_Cor branca						-0,041	0,081	-0,51	0,613
Dummy_Geração Y						0,012	0,079	0,15	0,879
Dummy_Casados/União estável						-0,075	0,090	-0,84	0,403
Dummy_Até 5 salários-mínimos						-0,057	0,099	-0,58	0,565
Dummy_Pós-graduação						0,041	0,093	0,44	0,658
cons		4,506	0,409	11,03	0,000	4,569	0,445	10,26	0,000
Nr. Obs.				316				316	
Teste F				F(15,300) = 3,61				F(21, 294) = 2,77	
Prob>F				0,0000				0,0001	
R ²				0,1398				0,145	
RMSE				0,6794				0,6842	

Fonte: Dados da pesquisa.

No Modelo 1, a variável atitudes contra dívidas apresentou associação negativa e estatisticamente significativa ($\beta = -0,235$; $p = 0,009$). Por outro lado, variáveis como situação diante das dívidas, atitudes pró-dívidas, uso do cartão de crédito, acesso ao capital financeiro, educação financeira e reservas financeiras não apresentaram efeitos significativos, o que indica que, de forma isolada, esses fatores não explicam variações nos sentimentos negativos.

No Modelo 2, após a inclusão das variáveis de controle sociodemográficas e termos de interação, o padrão observado se manteve. A associação negativa entre atitudes contra dívidas e sentimentos negativos permaneceu significativa ($\beta = -0,234$; $p = 0,009$). Nenhuma outra variável central apresentou efeito robusto, e tampouco os controles (sexo, cor, geração, estado civil, renda e escolaridade) mostraram associações significativas. As interações (H1–H5) não foram estatisticamente significativas em ambos os modelos.

Quanto ao ajuste global, o Teste F foi significativo em ambos os modelos (Modelo 1: $F(15, 300) = 3,61$; $p < 0,001$; Modelo 2: $F(21, 294) = 2,77$; $p < 0,001$). O poder explicativo, entretanto, foi modesto, com $R^2 = 0,14$ no Modelo 1 e $R^2 = 0,15$ no Modelo 2, sugerindo que cerca de 14% a 15% da variação desse desfecho é explicada pelos modelos. O RMSE manteve-se estável em torno de 0,68, refletindo precisão moderada das previsões. Com a realização do teste podemos dizer que, no geral, as variáveis incluídas nos modelos ajudam a explicar os sentimentos negativos de forma relevante do ponto de vista estatístico. Porém evidente que o sentimento negativo, pode estar associado a vários outros fatores e não diretamente com o fato de estar inadimplente ou adimplente.

4.2.3 Análise dos efeitos sobre a saúde mental – suporte social

Os resultados da Tabela 5 analisaram os fatores associados ao suporte social percebido.

Tabela 5 – Teste de hipóteses – Suporte social

Modelo 1							Modelo 2			
	Suporte social	Hipóteses	β	Desvio padrão robusto	t-valor	p-valor	β	Desvio padrão robusto	t-valor	p-valor
Situação diante das dívidas			-1,564	1,065	-1,47	0,143	-1,561	0,991	-1,58	0,116
Atitudes pró-dívidas			0,227	0,116	1,95	0,052	0,184	0,118	1,56	0,120
Atitudes contra dívidas			-0,190	0,144	-1,32	0,187	-0,234	0,142	-1,64	0,101
Atitudes - uso do cartão de crédito			-0,337	0,140	-2,40	0,017	-0,310	0,140	-2,21	0,028
Acesso ao capital financeiro			0,082	0,062	1,31	0,190	0,092	0,060	1,54	0,125
Educação financeira			-0,218	0,114	-1,91	0,057	-0,227	0,105	-2,16	0,031
Reserva financeira 1 - Ter ajuda			0,123	0,066	1,88	0,062	0,082	0,068	1,21	0,229
Reserva financeira 2 - Ter recursos			0,253	0,162	1,56	0,121	0,305	0,161	1,89	0,059
Situação diante das dívidas x Atitudes pró-dívidas		H1	-0,204	0,161	-1,27	0,206	-0,143	0,163	-0,88	0,381
Situação diante das dívidas x Atitudes contra dívidas			0,161	0,206	0,78	0,437	0,153	0,198	0,77	0,443
Situação diante das dívidas x Uso do cartão de crédito		H2	0,423	0,196	2,16	0,032	0,434	0,196	2,22	0,027
Situação diante das dívidas x Acesso ao capital financeiro		H3	-0,013	0,094	-0,14	0,893	-0,030	0,095	-0,32	0,749
Situação diante das dívidas x Educação financeira		H4	0,155	0,145	1,07	0,285	0,102	0,138	0,74	0,463
Situação diante das dívidas x Reserva financeira 1 - Ter ajuda		H5	0,025	0,087	0,29	0,774	0,065	0,088	0,74	0,457
Situação diante das dívidas x Reserva financeira 2 - Ter recursos			-0,040	0,258	-0,16	0,875	-0,121	0,248	-0,49	0,627
Dummy_Feminino							0,217	0,114	1,90	0,058
Dummy_Cor branca							0,139	0,110	1,26	0,209
Dummy_Geração Y							-0,159	0,112	-1,43	0,155
Dummy_Casados/União estável							0,377	0,123	3,06	0,002
Dummy_Até 5 salários-mínimos							-0,223	0,131	-1,70	0,090
Dummy_Pós-graduação							-0,087	0,134	-0,65	0,517
_cons			3,984	0,831	4,79	0,000	4,091	0,785	5,21	0,000
Nr. Obs.	316						316			
Teste F	F(15,300) = 2,60						F(21, 294) = 3,19			
Prob>F	0,0000						0			
R²	0,0910						0,1546			
RMSE	0,9462						0,92173			

Fonte: Dados da pesquisa.

No Modelo 1, duas variáveis se aproximaram do nível de significância convencional. O uso do cartão de crédito apresentou associação negativa e significativa ($\beta = -0,337$; $p = 0,017$). Já a educação financeira apresentou efeito negativo marginal ($\beta = -0,218$; $p = 0,057$). Além disso, a atitude pró-dívidas apresentou associação positiva marginal ($\beta = 0,227$; $p = 0,052$). As demais variáveis centrais não apresentaram efeitos significativos.

No Modelo 2, que incluiu controles e termos de interação, o padrão se manteve. O uso do cartão de crédito continuou negativamente associado ao suporte social ($\beta = -0,310$; $p = 0,028$), e a educação financeira passou a apresentar associação negativa significativa ($\beta = -0,227$; $p = 0,031$), o estado civil casado/união estável apresentou associação positiva e significativa ($\beta = 0,377$; $p = 0,002$). Houve ainda evidência marginal para o sexo feminino ($\beta = 0,217$; $p = 0,058$).

Nas interações, destacou-se a associação positiva entre situação de inadimplência \times uso do cartão de crédito ($\beta = 0,434$; $p = 0,027$). O estudo encontrou que, para pessoas inadimplentes, usar cartão de crédito não está ligado a uma queda no suporte social como acontece em outros casos. Pelo contrário, pode até haver mais apoio interpessoal. As demais interações não foram significativas.

Quanto ao ajuste global, o Teste F foi significativo em ambos os modelos (Modelo 1: $F(15, 300) = 2,60$; $p < 0,001$; Modelo 2: $F(21, 294) = 3,19$; $p < 0,001$), confirmando a relevância estatística do conjunto dos preditores. O poder explicativo aumentou de $R^2 = 0,09$ no Modelo 1 para $R^2 = 0,15$ no Modelo 2, indicando melhora substancial na variância explicada ao incluir controles e interações. O RMSE reduziu de 0,95 para 0,92, sugerindo ganho em precisão preditiva.

4.2.4 Análise dos efeitos sobre a saúde mental – sintomas físicos

Os resultados da Tabela 6 examinaram os fatores associados à presença de sintomas físicos autorrelatados da saúde mental.

Tabela 6 – Teste de hipóteses – Sintomas físicos

		Modelo 1				Modelo 2			
Sintomas físicos	Hipóteses	β	Desvio padrão robusto	t-valor	p-valor	β	Desvio padrão robusto	t-valor	p-valor
Situação diante das dívidas		0,034	1,125	0,03	0,976	-0,024	1,057	-0,02	0,982
Atitudes pró-dívidas		0,011	0,125	0,08	0,933	0,030	0,128	0,24	0,813
Atitudes contra dívidas		-0,197	0,155	-1,26	0,207	-0,107	0,154	-0,69	0,488
Atitudes - uso do cartão de crédito		-0,143	0,144	-1,00	0,320	-0,198	0,142	-1,39	0,165
Acesso ao capital financeiro		0,143	0,067	2,12	0,035	0,120	0,065	1,84	0,066
Educação financeira		0,103	0,105	0,98	0,327	0,072	0,098	0,73	0,465
Reserva financeira 1 - Ter ajuda		-0,094	0,064	-1,46	0,146	-0,092	0,065	-1,40	0,162
Reserva financeira 2 - Ter recursos		-0,077	0,197	-0,39	0,698	-0,096	0,194	-0,50	0,621
Situação diante das dívidas x Atitudes pró-dívidas	H1	-0,035	0,179	-0,19	0,846	-0,120	0,175	-0,68	0,496
Situação diante das dívidas x Atitudes contra dívidas		0,157	0,231	0,68	0,496	0,138	0,226	0,61	0,541
Situação diante das dívidas x Uso do cartão de crédito	H2	-0,155	0,212	-0,73	0,464	-0,097	0,210	-0,46	0,644
Situação diante das dívidas x Acesso ao capital financeiro	H3	-0,062	0,105	-0,59	0,555	-0,041	0,105	-0,39	0,699
Situação diante das dívidas x Educação financeira	H4	-0,199	0,160	-1,25	0,213	-0,166	0,150	-1,11	0,269
Situação diante das dívidas x Reserva financeira 1 - Ter ajuda	H5	0,183	0,094	1,94	0,053	0,184	0,097	1,90	0,058
Situação diante das dívidas x Reserva financeira 2 - Ter recursos		0,212	0,301	0,70	0,482	0,260	0,298	0,87	0,383
Dummy_Feminino						-0,281	0,126	-2,23	0,027
Dummy_Cor branca						0,009	0,120	0,07	0,942
Dummy_Geração Y						0,479	0,113	4,26	0,000
Dummy_Casados/União estável						-0,094	0,130	-0,72	0,471
Dummy_Até 5 salários-mínimos						-0,094	0,138	-0,68	0,499
Dummy_Pós-graduação						-0,076	0,145	-0,53	0,599
_cons		3,735	0,757	4,93	0,000	3,806	0,691	5,51	0,000
Nr. Obs.				316				316	
Teste F				F(15,300) = 2,64				F(21, 294) = 3,79	
Prob>F				0,0000				0,0000	
R ²				0,1025				0,1645	
RMSE				1,0290				1,0029	

Fonte: Dados da pesquisa.

No Modelo 1, destacou-se o efeito positivo e significativo do acesso ao capital financeiro ($\beta = 0,143$; $p = 0,035$). As demais variáveis centrais não apresentaram efeitos significativos.

No Modelo 2, o efeito do acesso ao capital financeiro manteve-se positivo, mas em nível marginal ($\beta = 0,120$; $p = 0,066$). Além disso, duas variáveis de controle mostraram-se estatisticamente significativas: o sexo feminino ($\beta = -0,281$; $p = 0,027$), e a geração Y ($\beta = 0,479$; $p < 0,001$), sugerindo que indivíduos nascidos entre 1980 e 1994 apresentam mais sintomas físicos do que outras gerações. Esses achados apontam que fatores sociodemográficos também desempenham papel importante nesse desfecho.

Entre as interações, a situação de inadimplência \times reserva financeira – ter ajuda apresentou associação positiva marginal ($\beta = 0,183$; $p = 0,053$ no Modelo 1; $\beta = 0,184$; $p = 0,058$ no Modelo 2). As demais interações não foram significativas.

Quanto ao ajuste global, o Teste F foi significativo em ambos os modelos (Modelo 1: $F(15, 300) = 2,64$; $p < 0,001$; Modelo 2: $F(21, 294) = 3,79$; $p < 0,001$). O poder explicativo aumentou de $R^2 = 0,10$ no Modelo 1 para $R^2 = 0,16$ no Modelo 2, indicando melhora na variância explicada com a inclusão dos controles. O RMSE reduziu de 1,03 para 1,00, sugerindo maior precisão preditiva do modelo completo.

Capítulo 5

5 DISCUSSÃO

Os inadimplentes apresentaram médias mais altas em atitudes favoráveis ao endividamento, uso do cartão de crédito e proporção de recursos próprios disponíveis. Apesar da inadimplência, muitos mantêm uma reserva financeira superior à dos adimplentes, indicando uma possível escolha deliberada, na qual a manutenção de liquidez imediata é priorizada em relação ao cumprimento de obrigações financeiras. Estudos apontam que atitudes positivas frente ao endividamento e ao uso consciente do crédito se associam a níveis mais elevados de letramento financeiro e gestão de recursos (Potrich, Vieira, & Paraboni, 2025). Esse perfil de inadimplente com reserva pode refletir uma nova dinâmica de consumo, na qual a inadimplência resulta menos da escassez de recursos e mais de decisões baseadas em critérios subjetivos de bem-estar e segurança (Zupančič & Lep, 2025).

Os resultados indicam que indivíduos adimplentes apresentam melhor funcionamento psicossocial global, com níveis mais elevados de sentimentos positivos e menores sentimentos negativos em comparação aos inadimplentes. Também foi observada maior média de sintomas físicos entre os adimplentes, sugerindo que a regularidade financeira não elimina a sobrecarga emocional. Não houve diferença significativa na percepção de suporte social entre os grupos, reforçando a complexidade da relação entre saúde financeira e saúde mental.

Participantes adimplentes demonstraram maior domínio em educação financeira, além de maior acesso ao capital formal e à ajuda de terceiros, fatores que tendem a favorecer práticas financeiras mais planejadas. No entanto, também

relataram níveis elevados de sentimentos positivos e negativos, além de sintomas físicos, indicando uma condição ambígua em termos de saúde mental. Essa condição pode estar associada ao estresse financeiro, que compromete o bem-estar emocional mesmo em contextos de estabilidade aparente (Keenan et al., 2024). Evidências adicionais mostram que a instabilidade econômica, mesmo entre famílias de classe média, afetou negativamente o bem-estar de adolescentes durante a pandemia, especialmente devido à tensão familiar (Smyth & Murray, 2022).

O suporte social foi semelhante entre adimplentes e inadimplentes, sem diferenças estatisticamente significativas. Entretanto, os modelos explicativos revelaram que o uso do cartão de crédito esteve consistentemente associado a piores desfechos emocionais, como menor percepção de suporte social, redução de sentimentos positivos e aumento de sentimentos negativos, sobretudo entre inadimplentes. Ao proporcionar liquidez imediata, o cartão de crédito pode estimular o consumo de recursos inexistentes, agravando a situação financeira diante das elevadas taxas de juros aplicadas em caso de inadimplência. Evidências indicam que indivíduos com menor autocontrole tendem ao uso impulsivo do cartão, o que se relaciona a maior endividamento e dificuldades no cumprimento de compromissos financeiros (Fernández-López et al., 2024). No contexto brasileiro, esse tipo de endividamento também carrega um estigma social associado à inadimplência, comprometendo a identidade e o valor social do indivíduo (Millar, 2024).

Embora a educação financeira seja relevante para o desenvolvimento de competências no gerenciamento de recursos, seus efeitos sobre aspectos emocionais e psicossociais mostraram-se limitados. Observou-se associação marginal com sentimentos positivos, como maior percepção de controle, mas também com menor percepção de suporte social. Esse paradoxo pode estar relacionado à autonomia

financeira, que, embora funcional, pode reduzir a busca por apoio e a partilha de dificuldades, contribuindo para sentimentos de isolamento e sobrecarga emocional (Behymer et al., 2025).

Atitudes contrárias ao endividamento mostraram-se mais eficazes na proteção da saúde mental. Participantes com perfil avesso ao uso de crédito, especialmente ao crédito rotativo, relataram níveis mais baixos de sentimentos negativos, reforçando a compreensão do endividamento como um estressor crônico com impacto direto sobre o bem-estar psicológico (Sahrawat, 2024).

O acesso ao capital esteve positivamente associado à presença de sintomas físicos, especialmente entre indivíduos endividados, sugerindo possíveis repercussões somáticas do uso do crédito. Entre as variáveis de controle, mulheres relataram menos sintomas físicos, enquanto participantes da Geração Y apresentaram maior frequência desses sintomas.

As hipóteses de moderação (H1–H5) não foram confirmadas, indicando que a condição de adimplência ou inadimplência explica apenas parte da variância observada nos desfechos. Ainda que os modelos tenham apresentado poder explicativo modesto (R^2 entre 0,10 e 0,21), os resultados foram estatisticamente significativos.

Os achados indicam a necessidade de intervenções voltadas à redução do uso disfuncional do cartão de crédito e ao fortalecimento de atitudes mais cautelosas em relação ao endividamento. Destaca-se também a importância de políticas de educação financeira com foco em planejamento, controle do consumo e compreensão dos custos do crédito rotativo, bem como do apoio social como recurso compensatório em contextos de inadimplência. O acesso facilitado ao crédito, impulsionado pela

digitalização e pelo marketing agressivo, tem intensificado padrões de consumo incompatíveis com a realidade financeira da maioria das famílias, especialmente entre os jovens (Yue et al., 2022).

Em resumo, o estudo identificou o uso do cartão de crédito como a variável mais consistentemente associada a piores desfechos emocionais, como menor frequência de sentimentos positivos, maior ocorrência de sentimentos negativos e redução da percepção de suporte social. A educação financeira apresentou efeito positivo marginal, mas também se associou a menor percepção de suporte social, enquanto atitudes contrárias ao endividamento demonstraram efeito protetivo mais robusto. Observou-se ainda que alguns inadimplentes possuíam reservas financeiras superiores às dos adimplentes, sugerindo que a inadimplência pode, em certos casos, refletir decisões individuais, e não apenas escassez de recursos.

Os resultados reforçam que os impactos do endividamento decorrem predominantemente dos comportamentos financeiros, e não exclusivamente da condição de inadimplência. O estudo contribui ao evidenciar o endividamento como um estressor crônico e ao oferecer subsídios para políticas públicas de educação financeira e programas de prevenção e mitigação do endividamento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a relação entre endividamento, atitudes, comportamentos financeiros e saúde mental, a partir da comparação entre inadimplentes e adimplentes no Brasil, este estudo contribui para a literatura de finanças comportamentais ao integrar variáveis subjetivas e psicossociais. Diferentemente da maior parte da produção nacional, centrada majoritariamente em inadimplentes, esta pesquisa adota uma abordagem comparativa, evidenciando que os impactos sobre a saúde mental decorrem menos da inadimplência em si e mais dos comportamentos financeiros associados — com destaque para o uso do cartão de crédito.

Os achados indicam que adimplentes apresentam, em média, melhor funcionamento psicossocial, com maior frequência de sentimentos positivos e menor de sentimentos negativos. No entanto, também relataram mais sintomas físicos, sugerindo que a estabilidade financeira não elimina a sobrecarga emocional. Por outro lado, parte dos inadimplentes mantinha reservas superiores às dos adimplentes, o que aponta para decisões deliberadas de priorização de liquidez em detrimento do pagamento de dívidas, e não apenas para escassez de recursos. Esses resultados reforçam a compreensão do endividamento como um estressor crônico, cujos efeitos sobre o bem-estar psicológico são mediados por atitudes e práticas financeiras específicas.

Do ponto de vista prático, o estudo oferece subsídios relevantes para políticas públicas e programas de educação financeira desde os primeiros níveis de ensino até a formação superior. Reforça-se a necessidade de ações voltadas ao planejamento, ao controle do consumo e à compreensão dos custos do crédito rotativo. Destaca-se também a importância de reduzir o uso disfuncional do cartão de crédito, fortalecer

atitudes mais cautelosas frente ao endividamento e valorizar o apoio social como fator protetivo em contextos de vulnerabilidade financeira. Tais diretrizes podem orientar intervenções de governos, instituições financeiras e organizações da sociedade civil, com foco na prevenção e mitigação do endividamento e na promoção do bem-estar financeiro e emocional.

Entre as principais limitações do estudo, destaca-se a amostra restrita ao contexto brasileiro, o que limita a generalização dos achados para outros cenários econômicos, especialmente em populações de baixa renda, fortemente dependentes de programas de transferência. Além disso, o recorte entre inadimplentes e adimplentes não contemplou variações regionais ou etárias, e os dados autorrelatados podem estar sujeitos a vieses de percepção.

Como agenda para pesquisas futuras, recomenda-se replicar o estudo em outros países da América Latina, a fim de testar a robustez do modelo em diferentes contextos institucionais e culturais. Sugere-se também a realização de estudos longitudinais que permitam explorar relações de causalidade entre endividamento e saúde mental, além de investigações que aprofundem mecanismos psicológicos como estresse, autocontrole e percepção de risco, bem como os custos associados ao acesso ao crédito. Por fim, futuras pesquisas podem explorar variáveis moderadoras — como gênero, idade, classe social e intensidade do uso de crédito digital — e avaliar o impacto de intervenções práticas em educação financeira sobre inadimplência e bem-estar psicológico, com especial atenção às populações em maior vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

- Abdullah, N., Fazli, S. M., & Muhammad Arif, A. M. (2019). The Relationship between Attitude towards Money, Financial Literacy and Debt Management with Young Worker's Financial Well-being. *Pertanika Journal of Social Sciences & Humanities*, 27(1), 361-378.
- Adelino. M., Schoar. A., & Severino. F. (2025). Credit supply and house prices: Evidence from mortgage market segmentation. *Journal of Financial Economics*, 163, 103958. <https://doi.org/10.1016/j.jfineco.2024.103958>
- Aguinis, H., Villamor, I., Lazzarini, S. G., Vassolo, R. S., Amorós, J. E., & Allen, D. G. (2020). Conducting management research in Latin America: Why and what's in it for you? *Journal of Management*, 46(5), 615–636. <https://doi.org/10.1177/0149206320901581>
- Almeida, V. M. C., & Düsenberg, N. B. (2014). Envolvimento do consumidor com o produto: Comparação das escalas PII e NIP no contexto brasileiro. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 16(50), 75-95. DOI: 10.7819/rbgn.v16i50.959
- Amaral, G. H. O., & Iquiapaza, R. A. (2020). Determinantes de Inadimplência e de Recuperação de Crédito em um Banco de Desenvolvimento. *BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS*, 17(3), 483-519. DOI:10.4013/base.v17i3.18964
- Araújo, F. B. B., Rogers, P., Peixoto, F. M., & Rogers, D. (2022). Diversificação de ativos, bem-estar financeiro, qualidade de vida e saúde mental: estudo no Brasil. *Revista Contabilidade & Finanças*, 33(90), 1-16. <https://doi.org/10.1590/1808-057x20221470.pt>
- Arora, N., & Khanal, K. (2024). Exploring the synergy between financial inclusion and entrepreneurship development: A comprehensive analysis of the Indian landscape. *Westcliff International Journal of Applied Research*, 8(1). <https://doi.org/10.47670/wuwijar202481kkna>
- Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços (ABECS). (2025). R\$11,4 bilhões de transações no cartão. Pagamentos com cartões batem a marca de R\$ 1,1 trilhão no primeiro trimestre deste ano, crescendo 9,3%. <https://panoramaabecs.com.br/pagamentos-com-cartoes-transacionaram-1-trilhao-de-reais-no-primeiro-tri/>
- Barbosa, T. F., Guerra, D. S., Jacob, K. G., & Couto, P. B. (2021). Educação financeira: Pesquisa e análise do conhecimento e planejamento financeiro dos alunos de uma instituição de ensino superior de Minas Gerais. *Ciência Dinâmica*, 12(1), 1–25. <https://doi.org/10.4322/2176-6509.2022.015>
- Behymer, T. P., Sekar, P., Demel, S. L., Aziz, Y. N., Coleman, E. R., Williamson, B. J., Stanton, R. J., ... Woo, D. (2025). *Psychosocial stress and risk for intracerebral*

- hemorrhage in the EPOCH (Ethnic/Racial Variations of Intracerebral Hemorrhage) study. *Journal of the American Heart Association*, 14(6). <https://doi.org/10.1161/JAHA.121.024457>
- Białowolski, P., Cwynar, A., Cwynar, W., & Węziak-Białowolska, D. (2020). *Consumer debt attitudes: The role of gender, debt knowledge and skills*. *International Journal of Consumer Studies*, 44(3), 191–205. <https://doi.org/10.1111/ijcs.12558>
- Birochi, R., & Pozzebon, M. (2016). Improving financial inclusion: Towards a critical financial education framework. *Revista de Administração de Empresas*, 56(3), 266–287. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020160302>
- Braido, L. H. B., de Mello, J. M. C., & França, J. R. (2019). *Fintechs no Brasil: Inclusão financeira e inovação* (Texto para Discussão nº 456). FGV EESP. <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/28726>
- Carneiro, L. de A., Silva, J. C., Evangelista, J. M. F., & Botazini Júnior, A. C. (2023). A importância dos controles financeiros no período da pandemia da COVID-19 em uma instituição do terceiro setor: Estudo de caso na Associação de Combate ao Câncer – ACCA. *Revista Eixos Tech*, 10(1). <https://doi.org/10.18406/2359-1269v10n12023303>
- Carvalho, A. G. A., & Rigamonte, A. A. (2025). Crédito Consignado, Endividamento e Seus Impactos na Saúde Mental e no Desempenho de Técnicos Administrativos em Educação. *Educação & Inovação*, 1(2). <https://doi.org/10.64326/educacao.v1i2.22>
- Chen, Y. (2024). Analysis of the Monetary Policy and Housing Bubble in Spain. *Proceedings of the 8th International Conference on Economic Management and Green Development*. DOI: 10.54254/2754-1169/132/2024.18438
- Choi, S., & Hernández, L. (2024). *Financial literacy, self-control, and debt behavior: Evidence from Colombia*. *Journal of Behavioral and Experimental Economics*, 109, 102050.
- Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – CNC. (2024). *Endividamento e inadimplência das famílias brasileiras*. <https://www.cnc.org.br>
- Cordeiro, N. J. N., Costa, M. G. V., & Silva, M. N. (2018). Educação financeira no Brasil: uma perspectiva panorâmica. *Ensino da Matemática em Debate*, 5(1), 69–84. <https://revistas.pucsp.br/index.php/emd/article/view/36841>
- Couto, R. F., Maracajá, K. F. B., & Batalhão, A. (2023). Finanças sustentáveis: Conhecimentos, habilidades e atitudes que podem fazer a diferença. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 24(3), Artigo e2392. <https://doi.org/10.13058/raep.2023.v24n3.2392>
- Danahy, R., Loibl, C., Montalto, C. P., & Lillard, D. (2024). *Financial stress among college students: New data about student loan debt, lack of emergency savings,*

- social and personal resources*. *Journal of Consumer Affairs*, 58(2), 692–709. <https://doi.org/10.1111/joca.12581>
- Davies, E., & Lea, S. E. (1995). Student attitudes to student debt. *Journal of economic Psychology*, 16(4), 663–679. [https://doi.org/10.1016/0167-4870\(96\)80014-6](https://doi.org/10.1016/0167-4870(96)80014-6)
- De Bruijn, E. J., & Antonides. G. (2022). Poverty and Economic Decision Making: A Review of Scarcity Theory. *Theory and Decision*, 92(1), 5–37. <https://doi.org/10.1007/s11238-021-09802-7>
- Despard, M. R., Friedline, T., & Martin-West, S. (2020). *Why do households lack emergency savings? The role of financial capability*. *Journal of Family and Economic Issues*, 41, 542–557. <https://doi.org/10.1007/s10834-020-09679-8>
- Dunn, L., & Ekici, A. (2006). Credit card use and debt: A behavioral analysis of financial decision-making. *Journal of Consumer Policy*, 29(1), 19–45.
- Evans, C., Connell, J., Audin, K., Sinclair, A., & Barkham, M. (2005). Rationale and development of a general population well-being measure: Psychometric status of the GP-CORE in a student sample. *British Journal of Guidance & Counselling*, 33(2), 153–173. <https://doi.org/10.1080/03069880500132581>
- Faisal, R. A., Jobe, M. C., Ahmed, O., & Sharker, T. (2022). Mental health status, anxiety, and depression levels of Bangladeshi university students during the COVID-19 pandemic. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 20(3), 1500–1515. <https://doi.org/10.1007/s11469-020-00458-y>
- Faul, F., Erdfelder, E., Buchner, A., & Lang, A.-G. (2009). Statistical power analyses using G*Power 3.1: Tests for correlation and regression analyses. *Behavior Research Methods*, 41(4), 1149–1160. <https://doi.org/10.3758/BRM.41.4.1149>
- Felipe, I. J. dos S., Silva, M. M., & Ceribeli, H. B. (2023). Precedents of the Compulsive Use of a Credit Card: An Analysis of University Students' Buying Behavior. *Revista de Gestao* 30(1):47–61. <https://doi.org/10.1108/REGE-12-2020-0122>
- Fernández-López, Sara, Sandra Castro-González, Lucía Rey-Ares, and David Rodeiro-Pazos. 2024. "Self-Control and Debt Decisions Relationship: Evidence for Different Credit Options." *Current Psychology* 43(1):340–57. <https://doi.org/10.1007/s12144-023-04251-7>
- Fitch, C., Hamilton, S., Bassett, P., & Davey, R. (2011). The Relationship between Personal Debt and Mental Health: A Systematic Review. *Mental Health Review Journal* 16(4):153–66. <https://doi.org/10.1108/13619321111202313>
- Frasquilho, D., Matos, M. G., Salonna, F., Guerreiro, D., Storti, C. C., Gaspar, T., & Caldas-de-Almeida, J. M. (2015). Mental health outcomes in times of economic recession: A systematic literature review. *BMC public health*, 16, 115. <https://doi.org/10.1186/s12889-016-2720-y>
- Fuentealba, M. D., Peña-Fernández, F., & Gutiérrez-Goiria, J. (2024). Factors influencing credit card debt repayment: Evidence from Chile. *International Journal*

of Consumer Studies, 48(1), 99–112.

- Gao, Weizhan, and Boyuan Xing. 2025. "Consumer Credit and Household Financial Vulnerability." *Advances in Economics, Management and Political Sciences* 180(1):132–46. <https://doi.org/10.54254/2754-1169/2025.22953>.
- Girelli, D. B., Souza, J. B. de, & Coelho Junior, T. de P. (2023). Aspectos das decisões financeiras do trabalhador em relação à aposentadoria. *Revista Gestão E Secretariado*, 14(5), 7914–7942. <https://doi.org/10.7769/gesec.v14i5.2166>
- Gonsalves, W. (2024). Bets: uma aposta de risco. Estadão. <https://www.estadao.com.br/economia/negocios/bets-brasileiros-emprestimos-apostas-pesquisa/>
- Gomes, M. H. O. (2023). A influência das redes sociais no hiperconsumo na sociedade pós-moderna. *Psicologia e Saúde em Debate*, 9(2), 577–586. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V9N2A34>
- Guan, N., Guariglia, A., Moore, P., Xu, F., & Al-Janabi, H. (2022). *Financial stress and depression in adults: A systematic review*. PLOS ONE, 17(2), e0264041. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0264041>
- Hair, J., Babin, B., Money, A., & Samouel, P. (2005). *Fundamentos de métodos de pesquisa em administração*. Bookman Companhia Ed.
- Hämmig, O., & Herzig, J. (2022). *Over-indebtedness and health in Switzerland: A cross-sectional study comparing over-indebted individuals and the general population*. PLOS ONE, 17(10), e0275441. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0275441>.
- Hämmig, O. (2024). Overindebtedness, unemployment, and poor mental health – and the role of sense of control: A population-based Swiss study. *Frontiers in Public Health*, 12, Article 1324402. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2024.1324402>
- Harrison, N., Chudry, F., Waller, R., & Hatt, S. (2013). Towards a typology of debt attitudes among contemporary young UK undergraduates. *Journal of Further and Higher Education*, 39(1), 85–107. <https://doi.org/10.1080/0309877X.2013.778966>
- Hassanie, S., Karadas, G., Olugbade, O. A., & Saidy, J. (2024). The effect of patient aggression on healthcare workers' mental health and anxiety mediated by psychological well-being during the COVID-19 outbreak. *SAGE Open*, 14(1), <https://doi.org/10.1177/21582440231225553>
- Ismanto, H., Suryani, I., & Hapsari, R. (2023). Fintech lending, financial inclusion and risk: Evidence from emerging markets. *Journal of Banking and Financial Technology*, 7(2), 112–127.

- Iwagaki, Y., Umeda, M., Shigemura, J., Nagamine, M., & Yoshino, A. (2021). Relationship between mental health and living conditions among evacuees living outside the prefecture after the nuclear accident. *Japanese Journal of Psychosomatic Medicine*, 61(7), 629–641. https://doi.org/10.15064/jjpm.61.7_629
- Kamarudin, N. S., Abdul Hadi, N., Ahmad, A., Che Mohd Hashim, A. J., Rasedee, A. F. N., Hishamudin, M. Z., & Dzolkarnaini, N. (2024). Robo-advisor can play a role in promoting financial knowledge within society. *Journal of Advanced Research in Applied Sciences and Engineering Technology*, 53(1), 197–220. <https://doi.org/10.37934/araset.53.1.197208>
- Keenan, G. S., Royle, W. S., Marrow, L., Scholey, A., Benson, S., & Owen, L. J. (2024). The Association between COVID-19 Related Income Loss and Diet Quality : The Mediating Role of Distress. *Appetite* 200(January):107570. <https://doi.org/10.1016/j.appet.2024.107570>
- Keyes, C. L. M. (2002). The mental health continuum: From languishing to flourishing in life. *Journal of Health and Social Behavior*, 43(2), 207–222. PMID: 12096700
- Kim, K. T., & Lee, J. (2024). Financial well-being, anxiety and payment delinquency among student loan holders in the United States: Insights from the COVID-19 pandemic. *International Journal of Bank Marketing. Advance Online Publication*. <https://doi.org/10.1108/IJBM-05-2024-0277>
- Kina, L. (2025, 13 de janeiro). E-commerce fatura R\$ 204,3 bilhões no Brasil em 2024. E-Commerce Brasil. <https://www.ecommercebrasil.com.br/noticias/e-commerce-resultados-2024-brasil-abcomm>
- Kindred, R., & Bates, G. W. (2023). *The influence of the COVID-19 pandemic on social anxiety: A systematic review*. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 20(3), 2362. <https://doi.org/10.3390/ijerph20032362>
- Klavi News. (2024). Aplicando inteligência de dados para analisar o impacto das bets. <https://www.klavi.ai/blog/inteligencia-dados-bets>
- Kharel, K. R., Upadhyaya, Y. M., Acharya, B., Budhathoki, D. K., & Gyawali, A. (2024). Financial literacy among management students: Insights from universities in Nepal. *Knowledge and Performance Management*, 8(1). [https://doi.org/10.21511/kpm.08\(1\).2024.05](https://doi.org/10.21511/kpm.08(1).2024.05)
- Levinsson, H., Probert-Lindström, S., Holmgren, R., Nilsson Sundström, E., & Ahlström, R. (2023). Suicidal behaviour in over-indebted individuals: a cross-sectional study in Sweden. *Nordic Journal of Psychiatry*, 77(7), 669–675. <https://doi.org/10.1080/08039488.2023.2218349>
- Lima, R. B., Serra, R. G., & Fávero, L. P. L. (2021). Determinantes hierárquicos da inadimplência de financiamento imobiliário de pessoa física. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, 14(2), 29–41. <https://doi.org/10.14392/asaa.2021140202>

- Mancebón-Torrubia, M.-J., Ximénez-de-Embún, D. P., & Álvarez-Farizo, B. (2024). The drivers of adult financial literacy: Exploring the role of attitudes towards finance. *European Journal of Education*, 59, e12712. <https://doi.org/10.1111/ejed.12712>
- Millar, K. M. (2023). Dirt and debt: The racialization of default in Brazil. *Anthropologica*, 65(2), 345–372. <https://doi.org/10.18357/anthropologica65220232623>
- Mutlu, Ü., & Özer, G. (2022). *The moderator effect of financial literacy on the relationship between locus of control and financial behavior*. *Kybernetes*, 51(3), 1114–1126. <https://doi.org/10.1108/K-01-2021-0062>
- Muñoz-Céspedes, E., Ibar-Alonso, R., & Cuervo-Mir, M. (2024). Analysis of gender gap in financial competence: An analysis using unsupervised classification methods. *ESIC Market. Economics and Business Journal*, 55(2), e364. <https://doi.org/10.7200/esicm.55.364>
- Nascimento Costa da Silva, F., Torres, A. L., Franco, C., & Weber da Silva, R. (2024). Finanças pessoais e educação financeira: a percepção dos acadêmicos de Ciências Contábeis de Tangará da Serra – MT. *Revista UNEMAT de Contabilidade*, 13(25), 115–135. <https://doi.org/10.30681/ruc.v13i25.12923>
- Núñez-Letamendia, L., Sánchez-Ruiz, P., & Silva, A. C. (2024). More than knowledge: Consumer financial capability and saving behavior. *International Journal of Consumer Studies*, 48(2), 514–532. <https://doi.org/10.1111/ijcs.13097>
- Oliveira, L. N. de, Pimenta Junior, T., Maemura, M. M. D., Soares, M. A., & Rocha, F. R. V. (2024). Efeitos do planejamento das finanças pessoais sobre o equilíbrio financeiro no contexto da pandemia de Covid-19. *Caderno Pedagógico*, 21(8), e6569. <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n8-087>
- Oliveira, M. G., Ramos, A. F., & Batista, J. S. (2024). Educação financeira na adolescência: Um estudo sobre compras compulsivas. *Anais do Encontro Nacional de Educação Financeira*.
- Organização Mundial da Saúde. (2022). World mental health report: Transforming mental health for all. OMS. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>
- Organização Mundial da Saúde – OMS. (2025). Mental health. OMS. https://www.who.int/health-topics/mental-health#tab=tab_2
- Pabis, M. G., & Silva, A. J. H. (2024). Determinantes do nível de alfabetização financeira no contexto universitário. *Reunir: Revista de Administração, Contabilidade e Sustentabilidade*, 14(3), 114–132. <https://doi.org/10.18696/reunir.v14i3.1440>
- Poder360. (2025, 15 de janeiro). *E-commerce prevê faturamento de quase R\$ 235 bi em 2025*. ABComm. <https://www.poder360.com.br/poder-economia/e-commerce-pode-faturar-r-235-bilhoes-em-2025-diz-associacao/>

- Polo Vargas, J. D., Cuenca Coral, M. E., Zambrano Curcio, A. F., Zambrano Curcio, M. J., & Muñoz Alvis, A. (2024). Multiple intelligences and financial decisions: An exploration: Inteligencias múltiples y decisiones financieras: Una exploración. *Psicogente*, 27(51). <https://doi.org/10.17081/psico.27.51.6311>
- Ponchio, M. C., Rohden, S. F., & Mette, F. M. B. (2022). Perceived Financial Well-Being as Antecedent of Psychological Well-Being: Evidence from Brazil. *Brazilian Business Review / Revista Brasileira de Marketing*, 21(5), 1631–1652. <https://doi.org/10.5585/remark.v21i5.21579>
- Potrich, A. C., Vieira K. M., & Paraboni, A. L. (2025). Youth Financial Literacy Short Scale: Proposition and Validation of a Measure. *Social Sciences and Humanities Open* 11(October 2024):101214. <https://doi.org/10.1016/j.ssaho.2024.101214>
- Ramos, M. C. L., Resende, W. W. M., Silva, A. M., Pimenta, D. J., & Oliveira, S. L. (2021). Planejamento para renda passiva pós-emprego por meio de gestão independente de investimentos: Caso para ensino. *Percurso Acadêmico*, 11(21), 67–84. <https://doi.org/10.5752/P.2236-0603.2021v11n21p67-84>
- Reis, L. C., Borgis, M. O., & Silva, V. G. M. (2021). Educação financeira: Aposentadoria sob a ótica dos acadêmicos de uma universidade pública do centro oeste de Minas Gerais. *Research, Society and Development*, 10(1), e184910111638. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11638>
- Ribeiro, C. T. (2020). Agenda em políticas públicas: A estratégia de educação financeira no Brasil à luz do modelo de múltiplos fluxos. *Cadernos EBAPE.BR*, 18(3), 487–498. <https://doi.org/10.1590/1679-395120190038x>
- Roberts, J. A., & Jones, E. (2001). Money attitudes, credit card use, and compulsive buying among American college students. *Journal of Consumer Affairs*, 35(2), 213-240. <https://doi.org/10.1111/j.1745-6606.2001.tb00111.x>
- Roswitha, A. T., Kursiswanti, E. T., Japri, M., & Kristian, A. (2024). Perlindungan hukum terhadap nasabah pinjaman online. *Collegium Studiosum Journal*, 7(1), 215-220. <https://doi.org/10.56301/cs.j.v7i1.1319>
- Sahrawat, S. (2024). The mental health and psychological impact on legal professionals. *International Journal for Multidisciplinary Research*, 6(6), 1–7. <https://doi.org/10.36948/ijfmr.2024.v06i06.31625>
- Serasa. (2025a). Mapa da inadimplência e renegociação de dívidas. Julho 2025. <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/mapa-da-inadimplencia-e-renogociacao-de-dividas-no-brasil/>
- Serasa. (2025b). Entenda a importância da adimplência e conheça seus benefícios. <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/importancia-da-adimplencia/>
- Serasa. (2024a). O que é Inadimplência. Inadimplência: causas, consequências e como evitar. <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/o-que-e-inadimplencia/>

- Serasa. (2024b). Bets e inadimplentes. A relação dos inadimplentes com apostas no Brasil. <https://www.serasa.com.br/imprensa/serasa-comportamento/>
- Serasa. (2022). Perfil e comportamento do endividamento brasileiro 2022. <https://www.serasa.com.br/imprensa/pesquisa-de-endividamento-2022/>
- Serviço de Proteção ao Crédito (SPC). (2025). Inadimplência: Conceito e Estratégias para Prevenção. Descubra o significado da inadimplência e receba dicas práticas para evitá-la. Mantenha suas finanças seguras com estratégias inteligentes. <https://www.spcbrasil.com.br/blog/inadimplencia>
- Silva, T. P., Magro, C. B. D., Gorla, M. C., & Nakamura, W. T. (2017). Financial education level of high school students and its economic reflections. *RAUSP Management Journal*, 52(3), e285–e303. <https://doi.org/10.1016/j.rausp.2016.12.010>
- Silveira, A., Reis, L. A., Lana, J., & Partyka, R. B. (2022). Dinheiro na mão é vendaval: Um caso de educação financeira. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 16(3), 284–298. <https://doi.org/10.17524/repec.v16i3.3133>
- Silveira, H. P., Albergaria, M., & Farnezi, P. (2024). Motivados ou inibidos? – Uma análise da predisposição para adoção de ferramentas tecnológicas no planejamento financeiro pessoal. *Brazilian Business Review*, 21(4), 1–23. <https://doi.org/10.15728/bbr.2022.1317.en>
- Sinha, G. R., Larrison, C. R., Chen, Z., Mowbray, O., & Mullen, S. P. (2024). *Anxiety, student loan repayment behaviors, and financial knowledge*. *Academia Mental Health and Well-Being*, 1. <https://doi.org/10.20935/MHealthWellB6250>
- Sistema de Proteção ao Crédito – SPC Brasil. (2024). *Relatório de comportamento de crédito dos brasileiros*. <https://www.spcbrasil.org.br>
- Soll, J. B., Keeney, R. L., & Larrick, R. P. (2013). *Consumer misunderstanding of credit card use, payments, and debt: Causes and solutions*. *Journal of Public Policy & Marketing*, 32(1), 66–81. <https://doi.org/10.1509/jppm.11.061>
- Sultana, N., Zumner, A., Fatima, H., & Hameed, R. (2024). *Financial anxiety and job performance in educational settings: Analyzing the effects of financial stress on teachers and staff*. *Review of Applied Management and Social Sciences*, 7(4), 373–390. <https://doi.org/10.47067/ramss.v7i4.387>
- Smyth, E., & Murray, A. (2022). *The effect of pandemic-related economic disruption on young adolescents in Ireland*. *Children*, 9(7), 1037. <https://doi.org/10.3390/children9071037>
- Surwanti, A., Maulidah, M., Wihandaru, R., Kusumawati, R., & Santi, F. (2024). Financial management behavior Z generation. *E3S Web of Conferences*, 571, 03003. <https://doi.org/10.1051/e3sconf/202457103003>
- Sweet, E. (2020). Debt-related financial hardship and health. *Health Education & Behavior*, 48(6), 885–891. <https://doi.org/10.1177/1090198120976352>

- Thaler, R. H., & Sunstein, C. R. (2009). *Nudge: Improving decisions about health, wealth, and happiness*. Penguin Books.
- Tiryaki, G. F., Gavazza, I. O., Andrade, C. M., & Mota, A. L. (2017). Ciclos de crédito, inadimplência e as flutuações econômicas no Brasil. *Revista de Economia Contemporânea*, 21(1), 1-33. <https://doi.org/10.1590/198055272112>
- Valaskova, K., Durana, P., & Adamko, P. (2021). *Changes in consumers' purchase patterns as a consequence of the COVID-19 pandemic*. *Mathematics*, 9(15), 1788. <https://doi.org/10.3390/math9151788>
- Vieira, K. M., Matheis, T. K., Garcia, G. A., Klein, L. L., & Vargas, S. G. (2023). Antecedents of financial well-being: Are the perceptions of the financial system and financial knowledge relevant? *Revista Evidenciação Contábil & Finanças*, 11(3), 137–158. <https://doi.org/10.22478/ufpb.2318-1001.2023v11n3.60717>
- Viana, V. G., & Hajj, H. (2023). Bitcoin: uma análise do impacto da regulamentação no Brasil. *Revista Jurídica Direito, Sociedade e Justiça*, 10(15), 33–47. <https://doi.org/10.61389/rjdsj.v10i15.7695>
- Wattanawongwan, S., Mues, C., Okhrati, R., Choudhry, T., & So, M. C. (2023). *Modelling credit card exposure at default using vine copula quantile regression*. *European Journal of Operational Research*, 311(1), 387–399. <https://doi.org/10.1016/j.ejor.2023.05.016>
- Wiklund, J., & Shepherd, D. (2005). Entrepreneurial orientation and small business performance: a configurational approach. *Journal of Business Venturing*, 20(1), 71-91. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2004.01.001>
- Yeo, K. H. K., Lim, W. M., & Yii, K. J. (2024). Financial planning behaviour: A systematic literature review and new theory development. *Journal of Financial Services Marketing*, 29, 979–1001. <https://doi.org/10.1057/s41264-023-00249->
- Yue, P., Korkmaz, A. G., Yin, Z., & Zhou, H. (2022). The Rise of Digital Finance: Financial Inclusion or Debt Trap? *Finance Research Letters* 47(April 2020):102604. <https://doi.org/10.1016/j.frl.2021.102604>
- Zupančič, M., & Lep, Ž. (2025). Predicting satisfaction with money management and life satisfaction in parents of emerging adult students. *Journal of Adult Development*, 32(1), 51–65. <https://doi.org/10.1007/s10804-024-09476-9>